



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RENATA OLIVEIRA SILVA

**UMA “GEOGRAFIA DA REALIDADE” DO ESPAÇO PÚBLICO: ESTUDO DE
DUAS PRAÇAS DA CIDADE DE SALVADOR ATRAVÉS DA GEOGRAFICIDADE.**

Salvador
2016

RENATA OLIVEIRA SILVA

**UMA “GEOGRAFIA DA REALIDADE” DO ESPAÇO PÚBLICO: ESTUDO DE
DUAS PRAÇAS DA CIDADE DE SALVADOR ATRAVÉS DA GEOGRAFICIDADE.**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia –
Curso de Geografia, pela modalidade do Bacharelado, da
Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de Geógrafa.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa

**Salvador
2016**

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca do Instituto de Geociências - UFBA

S586 Silva, Renata Oliveira
Uma "Geografia da Realidade" do espaço público: estudo de
duas praças da cidade de Salvador através da Geograficidade. /
Renata Oliveira Silva.- Salvador, 2016.
87 f. : il. Color.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa
Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal da
Bahia. Instituto de Geociências, 2016.

1. Espaços públicos - Praças Salvador (BA).. 2.
Fenomenologia. 3. Percepção espacial - Espaços públicos --
Salvador (BA). I. Serpa, Angelo Szaniecki Perret. II. Universidade
Federal da Bahia. III. Título.

CDU: 711.61(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

RENATA OLIVEIRA SILVA

UMA “GEOGRAFIA DA REALIDADE” DO ESPAÇO PÚBLICO: ESTUDO DE DUAS PRAÇAS DA CIDADE DE SALVADOR ATRAVÉS DA GEOGRAFICIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do curso de graduação em Geografia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia, na Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa Orientador/UFBA

Prof. Dr. Wendel Henrique Baumgartner/UFBA

Prof. Dr. André Nunes de Sousa/UFBA

DEDICATÓRIA

Ao saudoso amigo Davi Éder que conheci no curso de Geografia em março de 2011, e se foi para o lado de Deus em maio de 2015, mas que sempre será lembrado por mim com muita alegria e admiração. Um perfeito Geógrafo seja na sua paixão pelos elementos Terrenos (naturais e artificiais), ou no seu ânimo pelas viagens e descobertas, e ainda na sua precoce maestria com o ensino da Geografia!

Renata Oliveira Silva

AGRADECIMENTOS

Sou grata à minha família pela educação, motivação, amor e cuidado que sempre me dedicaram: minha avó Adalgisa (pelas reclamações e bem dizeres de proteção quando ia a campo), minha mãe Dayse (por todo o carinho, paciência com minha preocupação, pelo auxílio na tabulação de dados e nas visitas de campo), minha tia Denise (pelo exemplo), meu irmão Rodrigo (pelos choros e risos), meu tio Orlando e meu tio Oswaldo (pela atenção e zelo). Às tias Eliene e Márcia que me dão muito afeto. Aos pequeninos e sapecas primos Luana, Kauã, Samantha e as sobrinhas Ana Luiza e Lorena que me trazem a alegria de criança. A minha linda mascote Pretinha (pelos momentos de leveza). E, com gratidão especial, ao meu amor amigo e companheiro paciente Robson por toda dedicação, denço e suporte, por tudo.

Às amigas de sempre e para sempre Miriam, Monalisa, Edilândia, Naiara, Emily, Paula, Nubia, Mayara, Sheila e Paola. Às “amoras” que ganhei de presente e me deixam contente para a vida, Vanessa, Tainá, Aline e Jéssica, que foram como “morangos” em meio à construção deste trabalho.

Ao parceiro de curso, disciplinas, trabalhos, pesquisas, ideias, questionamentos e grande apoiador na caminhada científica, Mateus. Às queridas pessoas amigas que encontrei no curso de Geografia e me auxiliaram nesta longa e difícil jornada: Fabrine, Geiza, Anne, Bruna, João Fernando, João Pita, Jullie, Lizandra.

A toda minha turma (e melhor) 2011.1, em especial à Lóide, Filipe Trindade, Felipe Cruz, Nilbert, Eugênia, Emanuel, Alzemir, Jamila, Edison, Marcelo Goulart, Marcelo Boteon, sem vocês estes anos não teriam graça, literalmente nós sorrimos muito, obrigada. Aos queridos que admiro muito, Caê e Anna Paula, pela parceria nos estudos, com muito bom humor e dedicação.

Ao meu orientador e respeitado professor Angelo Serpa, com quem aprendi muito a fazer ciência. Agradeço às correções, lapidações de ideias, explicações, indagações. Agradeço o incentivo e amparo.

Aos queridos integrantes do Grupo de Pesquisa Espaço Livre-Ação, em especial Jaci, Carol, André, Luciana, Patrícia, Juan, Henrique e Marcelo. Pela acolhida e paciência no momento em que ingressei no Grupo, também sou grata pela troca de ideias, de conhecimentos, de experiências, dúvidas e de utopias.

Ao professor Wendel Henrique e professora Ana Lúcia, que despertaram a pesquisa científica em mim através do PIBID Geografia e colaboraram na minha formação de professora-pesquisadora.

Sou grata a Deus, acima de tudo, e a todos os seres iluminados, por me concederem a oportunidade de aprimoramento intelectual nesta universidade, ao lado destas pessoas.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo desvendar a “Geografia da Realidade” do espaço público na cidade de Salvador em duas diferentes praças, a Praça da Piedade e a Praça do Santo Antônio Além do Carmo. A expressão “Geografia da Realidade” remete ao principal conceito desenvolvido por Eric Dardel em seu livro, “O homem e a Terra”, publicado em 1952, a Geograficidade. A Geograficidade diz respeito às relações entre o homem e a Terra, os espaços que habitamos e constituímos. Antes de recortes espaciais tornarem-se conceitos na Geografia, como o lugar ou a região, estes são modos de existência e de vida, portanto, não são apenas abstrações conceituais; para que conceitos sejam elaborados, antes é preciso atentar para a experiência vivida. É esta experiência vivida nos espaços públicos por seus agentes que os constituem cotidianamente que investigamos. Muitas vezes esta experiência é mais vivida do que percebida, e é isto que buscamos evidenciar. Outro objetivo da pesquisa foi o de entender se os espaços públicos, a partir destas relações entre o homem e o espaço, podem ser dotados de valor e tornar-se lugares para seus usuários. Compreendemos com esta pesquisa que o espaço público é construído a cada dia por seus agentes e seus diferentes modos de ocupação, seja através do trabalho ou do lazer. O espaço público ganha significado na vida dos agentes que o habitam e estes agentes tornam possível a “Geografia da Realidade” do lugar. Esta é uma geografia da experiência vivida, antes mesmo de ser percebida ou transformada em conceitos pela ciência geográfica.

Palavras-Chave: Geograficidade, praça, espaço público, lugar, Salvador.

ABSTRACT

This study aims to unveil the "geography of reality" of public space in the city of Salvador in two different squares, the Praça da Piedade and the square of Santo Antônio Além do Carmo. The expression "Geography of reality" refers to the main concept developed by Eric Dardel in his book, "the man and the Earth", published in 1952, the Geograficidade. The Geograficidade concerns the relationship between the man and the Earth, the spaces we inhabit and we. Before spatial cuttings become concepts in geography, as the place or region, these are modes of existence and of life, therefore, are not only conceptual abstractions; so that concepts are drawn up, before you need to pay attention to the lived experience. And it is this experience in public spaces by their agents that constitute every day that we investigate. Often this experience is more experienced than perceived, and this is what we look for evidence. Another aim of the research was to understand if the public spaces, from these relationships between man and space, can be equipped with value and become places for your users. We understand with this research to the public space is built every day by their agents and their different modes of occupation, whether through work or leisure. The public space gains meaning in the lives of agents that inhabit and these agents make it possible to "Geography of reality" of the place. This is a geography of lived experience, before even being perceived or transformed into geographic science concepts.

Keywords: Geographicity, square, public space, place, Salvador.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1	Praça da Piedade e sua fonte luminosa.	27
Figura 2	Mapa de localização da Praça da Piedade.	28
Figura 3	Praça do Santo Antônio à noite, ao lado esquerdo equipamentos e brinquedos infantis e, no centro do plano de fundo, o coreto.	31
Figura 4	Mapa de localização da Praça do Santo Antônio Além do Carmo.	32
Figura 5	Criança brincando no parque da Praça do Santo Antônio.	50
Figura 6	Espetáculo de teatro na Praça da Piedade.	51
Figura 7	Público assistindo ao espetáculo na Praça da Piedade.	52
Figura 8	Gradil com desenhos elaborados pelo artista plástico Carybé na Praça da Piedade.	53
Figura 9	Os quatro bustos dos mártires da Conjuração Baiana na Praça da Piedade.	55
Figura 10	Pôr do Sol visto da Praça do Santo Antônio.	57
Figura 11	Praça do Santo Antônio mais recentemente em obras de requalificação.	59
Figura 12	Morador de rua dormindo no jardim da Praça da Piedade.	71
Figura 13	Jovens conversando, no lado esquerdo da foto, nas novas estruturas de bancos da Praça do Santo Antônio e ao lado esquerdo o coreto.	75
Figura 14	Estrutura de banheiro público, sem funcionamento, na Praça da Piedade.	76

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1	Bairro de Residência dos agentes da Praça da Piedade e da Praça do Santo Antônio.	36
Tabela 2	Sexo dos agentes da Praça da Piedade e da Praça do Santo Antônio.	37
Tabela 2.1	Faixa Etária x Sexo dos agentes da Praça da Piedade e da Praça do Santo Antônio.	37
Tabela 3	Motivo de visitação às Praças segundo seus agentes.	38
Tabela 4	Turno de visitação às Praças segundo seus agentes.	39
Tabela 5	Frequência de visitação às Praças segundo seus agentes.	39-40
Tabela 6	Estrutura das Praças segundo seus agentes.	40
Tabela 6.1	Fatores que podem melhorar a estrutura das Praças, apontados por seus agentes.	40-41
Tabela 7	A segurança nas Praças segundo seus agentes.	41
Tabela 8	As Praças como lugar agradável para seus agentes.	42
Tabela 9	As Praças como espaço livre para o público segundo seus agentes.	42
Tabela 10	Posição dos agentes das Praças em relação à presença de gradil em torno de praças públicas.	43
Tabela 11	Atividades e usos que podem ocorrer numa praça pública segundo os agentes da Praça da Piedade e da Praça do Santo Antônio.	43-44
Tabela 12	Última visita dos agentes das Praças a uma praça pública tendo-a como destino principal.	44-45
Tabela 13	Tempo que os agentes das Praças conhecem e frequentam as mesmas.	45-46
Tabela 14	O sentimento de pertencimento em relação às Praças segundo os seus agentes.	46
Tabela 15	O conhecimento da Praça do Santo Antônio segundo os agentes da Praça da Piedade e o conhecimento da Praça da Piedade segundo os agentes da Praça do Santo Antônio.	47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa	14
1.2 Questões de pesquisa	14
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Objetivo Geral	15
1.3.2 Objetivos específicos	15
1.4 Método e metodologia	15
1.4.1 Método	15
1.4.2 Metodologia	18
1.5 Referencial teórico	19
1.5.1 Praça	19
1.5.2 Espaço público	21
1.5.3 Geograficidade	22
1.5.4 Lugar	24
2. CARACTERIZAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA DAS PRAÇAS	25
2.1 As praças no Centro Antigo de Salvador (CAS)	26
2.2 A Praça da Piedade	26
2.2.1 A Praça da Piedade e sua história no Centro soteropolitano	28
2.3 A Praça do Santo Antônio	30
2.3.1 A história da Praça e bairro do Santo Antônio	32
3. UMA GEOGRAFIA DA REALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO	35
3.1 Ocupação e apropriação das praças	35
3.2 O espaço público e os seus agentes	47
3.2.1 A praça e o espaço público	48
3.2.2 Ocupação/Apropriação	49
3.2.3 Gradil	52
3.2.4 A praça dotada de valor para os agentes	54
3.2.5 O cotidiano na praça	56
3.2.6 Anseios de mudança	58
3.2.7 Interação	59
3.2.8 Sensações	61
3.2.9 E se a praça não fosse pública?	63

3.2.10 O que entende por lugar?	64
3.2.11 As praças como lugar e território	65
3.2.12 Considerações a respeito da outra praça.....	65
4. A PRAÇA EM SALVADOR.....	68
4.1 Lugar e Território	68
4.2 Insegurança, gradil e acessibilidade na Praça da Piedade	70
4.3 Experienciando as praças	73
5. A TÍTULO DE CONCLUSÃO: O mundo das praças em Salvador - a Geograficidade que se revela na Praça da Piedade e na Praça do Santo Antônio.....	78
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICES.....	84
APÊNDICE A.....	85
APÊNDICE B.....	87

1. INTRODUÇÃO

Podemos compreender o espaço público, como um espaço de acesso livre e irrestrito a uma população, que irá usufruir deste local de forma “livre” e coletiva. Porém, são variadas as acepções para compreensão deste conceito na Geografia e em outras ciências; variados também são os formatos em que o espaço público se concretiza, por exemplo, uma rua, uma calçada, uma praça ou um parque.

O presente estudo tem por objetivo reconhecer e compreender a dinâmica de uso e apropriação de duas diferentes praças na cidade de Salvador e sua constituição enquanto espaço público por meio do conceito da Geograficidade de Eric Dardel.

As praças analisadas foram a Praça da Piedade e a Praça do Largo do Santo Antônio Além do Carmo. São praças localizadas no Centro Antigo (a região do Centro Antigo será apresentada posteriormente) da cidade de Salvador, porém com funções, formas e características diferentes. A primeira é uma praça de notável centralidade para a cidade, já a segunda tem relevância como núcleo central na escala do bairro do Santo Antônio, na cidade de Salvador-BA.

São múltiplas as discussões sobre espaço público, principalmente no que se refere às praças. Esta pesquisa irá se ater na investigação e no reconhecimento do espaço público vivenciado pelos agentes que constroem estes espaços e os experienciam no cotidiano, a fim de destacar seu significado, mesmo que este não seja percebido de forma consciente por seus agentes.

Outro objetivo desta pesquisa é o de compreender como a presença ou a ausência de um gradil no espaço público interfere na constituição deste, pois entendemos que o cercamento de um espaço público é uma contradição com a ideia de acesso igualitário para os usuários. Com os resultados desta pesquisa iremos sugerir uma discussão acerca do que é conceituado como espaço público para alguns estudiosos e o que é o espaço público vivenciado pelos indivíduos e grupos sociais.

A Geograficidade é o conceito que irá nortear esta investigação, auxiliando na identificação do espaço público pré-concebido, o espaço público que antecede sua conceituação. Esta pesquisa não propõe desqualificar as considerações sobre espaço público elaboradas por estudiosos até hoje, mas sim salientar o que os indivíduos que o constroem e o vivenciam opinam, sentem e pensam sobre este espaço.

1.1 Justificativa

A relevância deste estudo baseia-se na constatação de que, antes mesmo de se criar/elaborar conceitos geográficos para o entendimento do que ocorre no espaço urbano, se faz necessário analisar de que forma os agentes constituem e produzem espaço nesta escala. É importante também buscar essa compreensão a partir da prática vivida pelos agentes atuantes nas diferentes praças e como elas se constituem enquanto espaços públicos para estes indivíduos e grupos, ou quando deixam de possuir esta característica. Esta compreensão se torna essencial na continuidade de estudos acadêmicos, colaborando com a elaboração de teorias sobre os processos de urbanização ou para um melhor planejamento da cidade de Salvador, pois possibilita o (re)conhecimento do espaço público recortado em tais praças, a partir de quem as experiência cotidianamente.

Os questionamentos particulares e as experiências vividas por quem vos escreve foram também estímulos para o desenvolvimento desta pesquisa. É relevante explicitar que residindo, desde nascida, no Cento Antigo de Salvador (CAS), mais precisamente no bairro da Saúde, as duas praças (Praça da Piedade e Praça do Santo Antônio, ambas também localizadas no CAS) sempre foram lugares de frequência da autora deste estudo. De certo modo, foi identificado aquilo que já era conhecido e vivido no espaço público, bem como a centralidade de cada um destes lugares; mas, sem o conhecimento da ciência geográfica, eram experiências que ainda não permitiam uma teorização. Com a Geografia e a abstração destas experiências, estas se concretizaram e tomaram forma como conceitos. Com isto, aliando teoria e experiência, buscamos esta realidade geográfica cotidiana, mas que, em geral, é esquecida, ficando disfarçada/velada; e, no meio acadêmico, a evidenciamos através dos conceitos e temas da ciência geográfica, que a nosso ver devem dialogar com e se aproximar da realidade cotidiana.

1.2 Questões de pesquisa

Na comparação das duas praças, estes espaços públicos são de fato públicos? Como se constituem estas praças em termos de acesso, uso e apropriação? Tendo em vista as praças analisadas, uma com gradil e outra sem, questionamos ainda, como a presença ou a ausência

deste objeto simbólico impacta na constituição do espaço público, a partir da experiência dos agentes que o vivem cotidianamente.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a dimensão do espaço público de duas praças localizadas no Centro Antigo da cidade de Salvador por meio da aplicação do conceito de Geograficidade, observando o uso e a apropriação destes espaços por seus usuários.

1.3.2 Objetivos específicos

- Caracterizar as duas praças a serem estudadas.
- Reconhecer, através da realização de enquetes, as opiniões de usuários sobre as praças, no que diz respeito à infraestrutura, à segurança, ao lazer etc.
- Realizar entrevistas com indivíduos que vivenciem as praças cotidianamente (transeuntes, frequentadores, moradores de rua e do entorno, trabalhadores da praça e do entorno), a fim de aprofundar a compreensão destes agentes acerca do espaço público, do que estes espaços significam para estes agentes e do caráter público da praça.
- Analisar os dados das enquetes e entrevistas a fim de correlacioná-los com o objetivo da pesquisa e assim gerarmos uma discussão sobre o tema.

1.4 Método e metodologia

1.4.1 Método

O método a ser utilizado nesta pesquisa é o método Fenomenológico. Com um caráter qualitativo, a pesquisa almeja apurar o que extrapola o conhecimento já estabelecido sobre espaço público e abarcar o fenômeno através do sentir e da experiência vivida pelos agentes

da pesquisa. A Fenomenologia evidencia a subjetividade, permitindo ainda que encontremos, nas falas, nos gestos e nas atitudes das pessoas, o espaço público enquanto fenômeno experienciado no dia a dia destes indivíduos:

O método fenomenológico enfoca fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. É importante a experiência tal como se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela. O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa (MOREIRA, 2002, p. 108).

Deste modo, tratando-se da busca do espaço público vivenciado/experienciado por seus agentes cotidianamente, a Fenomenologia nos possibilita uma aproximação do que as praças representam para quem de fato usa e se apropria destes espaços.

Além de método basilar para a pesquisa, a Fenomenologia é também o campo epistemológico que se relaciona com a Geografia Humanista, por esta última ter como base filosófica a primeira. A Geografia Humanista é a vertente que norteia o conceito de Geograficidade criado por Eric Dardel e principal conceito trabalhado neste estudo.

A Fenomenologia se faz presente neste trabalho também a partir da influência que o fenomenólogo Martin Heidegger exerceu sobre Dardel na elaboração do conceito de Geograficidade. Heidegger defende a ontologia a partir do existencialismo, e o ser só existe porque há um espaço, uma paisagem ou um lugar para essa existência. É o que Heidegger vai nomear de ser-no-mundo, mundo onde o ser existe porque se relaciona com o que está a sua volta, com o que o “circunda” ou ainda, “ser-no-mundo cotidiano, que também chamamos de modo de lidar no mundo e com o ente intramudano. Esse modo de lidar já sempre se dispersou numa multiplicidade de modos de ocupação” (HEIDEGGER, 2012, p. 114).

Pode-se, assim, constatar uma relação intrínseca entre sujeito-objeto, pois,

Heidegger busca romper com a ideia de homem determinando o mundo e do mundo determinando o homem, como se ambos fossem elementos diferentes. Pelo contrário, as duas partes estão num só corpo e se complementam, num ideal constitutivo (COUTINHO, 2012, p. 193).

Segundo Coutinho (2012), citando Claval, Dardel já demonstrava interesse numa Geografia Existencial por volta dos anos 1950, quando analisou o homem e suas experiências cotidianas na Terra, e as chamou de Geograficidade. Essas experiências geográficas que todos

nós realizamos, ocorrem no dia a dia e têm a Terra como base, substrato onde ocorrem essas experiências; porém, essas experiências nem sempre são conscientemente percebidas.

Experiências geográficas e Geograficidade também podem ser relacionadas ao que Heidegger conceitua como “habitar”. De acordo com Marandola Jr (2012), habitar não se resume ao ato de residir, mas “é a expressão do próprio ser-e-estar-no-mundo, constituindo-se enquanto fundamento do ser-no-mundo, envolvendo lugares, territórios e espaços de vida [...] A existência é fundada num habitar, e este marca, demarca e transforma ao espaço” (MARANDOLA, 2012, p. 86). O objetivo desta pesquisa é o de identificar o fenômeno do espaço público, a partir destas experiências cotidianas dos sujeitos que constroem estes espaços. Heidegger e Dardel ainda trazem em comum a ideia do espaço, para Heidegger a existência do homem ocorre e demanda um espaço, o espaço do mundo (que se constrói sobre uma base material, a Terra), o mesmo espaço geográfico que Dardel esmiúça e subdivide em Espaço Material/substancial, Espaço Telúrico, Espaço Aquático, Espaço do Ar e Espaços Construídos, todos constituindo uma totalidade a que chamamos Terra. É o ser-no-mundo do existencialismo de Heidegger que vai propiciar uma abordagem filosófica através da Geograficidade de Dardel.

Para concluir este modesto apanhado sobre o método fenomenológico utilizado na presente pesquisa, salientamos a relação que Edward C. Relph elaborou entre o ser-no-mundo e a Geograficidade. No texto “As bases fenomenológicas da Geografia”, Relph (1979), baseando-se no conceito de Geograficidade de Dardel, expõe que antes mesmo da Geografia ser uma ciência formal, ela é o entendimento geográfico do mundo, mundo que é vivido pelas pessoas que não conhecem a ciência geográfica em seu modo formal. Assim, afirmamos outra vez que esta geografia vivida cotidianamente é o que Heidegger trouxe como ser-no-mundo e Dardel chamou de Geograficidade. Relph ainda traz à luz para a Geografia como o método fenomenológico auxilia nas pesquisas que buscam reconhecer estas experiências geográficas e é fundamentalmente nestas ideias que nos apoiamos:

Para atingir essa finalidade é necessário, tanto quanto for possível, excluir as crenças nas explanações e considerações existentes e, igualmente, sobre os nossos próprios preconceitos, e tentar colocar-nos na posição daqueles que estão experienciando o fenômeno (RELPH, 1979, p. 4).

Ainda segundo Relph (1979), o método fenomenológico requer mais aceitação das “ambiguidades e complexidades” e menos busca por simplificações e resoluções por parte do pesquisador. Já Heidegger (2012) afirma que a fenomenologia enquanto método de

investigação busca o modo e o como dos objetos. As praças são nossos objetos/fenômenos de investigação, buscamos agora saber o modo e como elas se constituem como espaços públicos para e a partir dos seus agentes/sujeitos.

1.4.2 Metodologia

A metodologia realizada neste estudo consistiu em pesquisa bibliográfica e a elaboração/aplicação de instrumentos de pesquisa como enquetes e questionário/roteiros de entrevista. Após a realização das enquetes, estas foram tabuladas gerando dados contextuais mais objetivos, já as entrevistas gravadas em áudio foram transcritas a fim de serem analisadas para a construção do texto final.

Para as enquetes, os participantes deste estudo foram comerciantes, trabalhadores, moradores do entorno, transeuntes e frequentadores das praças. As enquetes também serviram para a escolha dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas com pessoas que se disponibilizaram a participar e que apresentaram forte relação com as praças, a fim de obtermos o máximo de informação para a pesquisa.

Os instrumentos para a realização desta pesquisa como já mencionados foram: enquetes qualitativas e questionários para entrevistas. As enquetes aplicadas partiram de uma estratégia de amostragem não probabilística, por cotas direcionadas e por saturação, assim, quando as respostas tornaram-se repetitivas e não acrescentavam novas informações à pesquisa, a aplicação do instrumento foi encerrada, não houve, assim, uma meta quantitativa a ser alcançada. Acrescente-se que esta estratégia é utilizada no âmbito do Grupo de Pesquisa Espaço Livre, em outros estudos e levantamentos. Os materiais utilizados nas entrevistas foram um aparelho de celular para gravação de áudio, além de autorizações para preenchimento dos entrevistados permitindo a utilização de suas falas na pesquisa. Fotografias também foram realizadas com máquina fotográfica de aparelho celular. O questionário de entrevista visava indagar os sujeitos acerca do que estes entendiam por espaço público, o que seria uma praça, de que forma o espaço público pode ser utilizado, o significado de determinada praça na vida do sujeito entrevistado, a maneira como este usa e se apropria do espaço público da praça, se a praça se constitui num lugar para este sujeito etc.

Na Praça da Piedade foram realizadas sessenta enquetes e quatro entrevistas. Já na Praça do Santo Antônio, onde o movimento de usuários é menor, foram realizadas quarenta enquetes e quatro entrevistas.

1.5. Referencial teórico

1.5.1 Praça

Se pensarmos numa praça, lembramos de uma área larga e ampla no espaço urbano. Uma praça está a céu aberto, não possuindo cobertura, muitas vezes pode existir jardins e/ou árvores. Essa área é de livre acesso para as pessoas circularem ou simplesmente estarem e usufruírem deste ambiente. As praças podem ter, na maioria das vezes, mobiliários como bancos e ainda mobiliários de lazer (parques infantis). Praças têm limites, formas e funções diversas, podem ser utilizadas, além do lazer, para as trocas comerciais. O uso também se dá em mobilizações e eventos sociais, políticos e culturais. São, portanto, múltiplas as possibilidades de uso e de apropriação de uma praça. Em meio aos vários sentidos que uma praça pode ter, a ideia de ser um espaço público é unânime.

Hugo Segawa, no livro “Ao amor do público: jardins no Brasil”, analisa as praças no Brasil e no exterior ao longo dos séculos XV a XVIII, abordando a ideia de *piazza* italiana, *plaza mayor* espanhola ou ainda a *place royale* francesa, além dos vários exemplos nacionais. Para o autor, “a praça é um espaço ancestral que se confunde com a própria origem do conceito ocidental de urbano” (SEGAWA, 1996, p. 31). Para este autor, era na Praça Medieval europeia onde ocorriam as festas e os mercados e as decisões populares eram tomadas.

De acordo com Fany Cutcher Galender,

A praça poderia ser caracterizada fisicamente como uma manifestação espacial resultante da malha urbana e tradicionalmente presente desde a cidade medieval (ou mais remotamente, desde a ágora grega e o fórum romano), assumindo diversas formas de expressão, porém sempre produto de uma necessidade funcional mais ou menos evidente, de caráter civil, militar ou religioso (GALENDER, 1992, p. 113-114).

Já Serpa (1998) refere-se às praças nos dias atuais como espaços casuais em termos de estrutura urbana, reservados preferencialmente ao ócio e à circulação. Para este autor, as praças soteropolitanas são, na maioria das vezes, espaços de descanso e lazer. É o espaço onde as pessoas podem sentar e conversar, contemplar o entorno e o movimento, encontrar pessoas ou ainda apenas transitar. Serpa (1998) afirma que as praças atualmente não abarcam mais a ideia de esfera pública, defendendo que as pessoas são atraídas para o uso de forma menos pretenciosa, como o ócio, a contemplação da paisagem, a diversão ou os encontros.

Ainda tratando de praças como espaços públicos, Segawa (1996) aponta a ocorrência do cercamento destas áreas livres já por volta de 1600, quando exemplifica em seu livro várias situações onde o acesso era limitado com uso de gradil e portas em espaços públicos, inclusive para restringir o acesso de animais. Portanto, identificamos que espaços públicos já sofrem com o cercamento de sua área há muito tempo.

Desta forma, trazemos para a discussão o cercamento de praças que deveriam ser abertas ao público, mas que possuem barreiras à acessibilidade, evidenciando um fato contraditório, a instalação de um gradil e/ou portões, transformando, assim, o público em espaço de acesso restrito.

Em pesquisa ao glossário do Projeto de Lei do N° 396/2015 do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) da cidade de Salvador, encontrado no site do movimento Participa Salvador, acessibilidade significa “condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços públicos, serviços de transporte, meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida” (SALVADOR, 2015, p. 212). Aqui observamos que acessibilidade é um termo tratado apenas em seu sentido físico, porém, Serpa (2007) traz também a noção de acessibilidade simbólica, que diz respeito ao modo de apropriação dos espaços públicos por parte de grupos sociais diferentes que territorializam o espaço e colaboram para a segregação no espaço público. Segundo Serpa, “o ‘capital escolar’¹ e os modos de consumo são os elementos determinantes das identidades sociais”, assim, “diferença e desigualdade articulam-se no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo, simbólica” (SERPA, 2007, p. 20).

Portanto, a apropriação e a utilização de espaços públicos não dependem e ocorrem apenas a partir da acessibilidade física, mas deve-se também levar em conta a identidade social dos grupos e indivíduos que se apropriam destas áreas, considerando o modo e o estilo de vida dos mesmos. Além disto, como já mencionado anteriormente sobre a transformação do acesso público em restrito, é importante atentar para o porquê desta transformação e como isto interfere na acessibilidade. O cercamento de praças com gradil, como no caso da Praça da Piedade, impossibilita o acesso do público por alguns motivos como, por exemplo, o suposto fechamento dos portões para evitar vandalismo a partir de determinado horário do dia, se configurando, assim, numa restrição física. Outra razão pela qual o gradil aparece como uma

¹ Capital escolar ou capital cultural diz respeito à totalidade de conhecimento e/ou cultura adquiridos pelos indivíduos, seja ao longo da vida escolar ou por meio das relações em família e em comunidade (BOURDIEU, 2011).

barreira se dá no âmbito da impressão de algumas pessoas em relação a esta “proteção”, como se esta barreira impedisse a entrada até o centro da praça, sendo mais comum fazer o contorno ou desvio deste cercamento.

A partir desta contradição entre a instalação de gradil em praças públicas e a acessibilidade física e/ou simbólica, focaremos a seguir na discussão do conceito de Espaço Público.

1.5.2 Espaço público

Antes de apresentarmos algumas concepções sobre o espaço público, uma questão:

O cercamento de espaços públicos, como a Praça da Piedade, interfere na Geograficidade deste ambiente perante seus usuários? E se a compararmos com uma praça sem gradil, como a Praça do Largo do Santo Antônio, a primeira (a da Piedade) perde a qualidade de espaço público? São outras questões que podem estar, inclusive, intimamente relacionadas e que serão respondidas ao longo desta pesquisa.

Serpa, em seu livro “O espaço público na cidade contemporânea”, apresenta a definição de espaço público a partir do pensamento de estudiosos como Hannah Arendt e Jurgen Habermas. Arendt compreende o espaço público como “lugar da ação política e de expressão de modos e subjetivação não identitários, em contraponto aos territórios familiares e de identificação comunitária” (SERPA, 2007, p. 16). Já Habermas afirma que “o espaço público seria o lugar *par excellence* do agir comunicacional, o domínio historicamente constituído da controvérsia democrática e do uso livre e público da razão” (SERPA, 2007, p. 16).

Gomes (2006) busca desfazer as ideias ingênuas sobre a constituição do espaço público como a simples diferenciação de que o que não é privado é público, formulando considerações sobre o espaço público em termos de conceituações e regulamentações legais e de acesso livre para todos. O autor também defende o espaço público como espaço da política. Todavia, Gomes ressalta a importância de sua dimensão física, lembrando que o espaço público é “o lugar, praça, rua, shopping, praia [...], onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa” (GOMES, 2006, p. 162).

Paula Santoro, arquiteta e urbanista pela FAUUSP, em resposta a uma pergunta da Revista AU Arquitetura e Urbanismo sobre o significado de espaço público, afirma que:

É preciso produzir espaços públicos, com tudo o que possa haver de público nisso. Não se quer apenas que sejam acessíveis fisicamente, mas que sejam lugares de encontro, de tolerância, de mistura de raças, credos, rendas, agradáveis, seguros, de fruição e, principalmente, um lugar onde a cidadania possa se manifestar, onde o

exercício da pólis possa acontecer. É isso que faz a cidade ser cidade: o encontro. É preciso ir contra essa coalizão, em que apenas os interesses em privatizar imperam, e não há mais rua, não há mais praças, não há onde se manifestar, onde exercer a cidadania, a tolerância (SANTORO, 2013).

Utilizando novamente o site do Participa Salvador, de acordo com o glossário do Projeto de Lei do N° 396/2015, de revisão do PDDU da cidade, encontramos um trecho que se refere às praças e que nos remete ao que seria espaço público segundo este projeto de lei municipal:

Espaços Abertos Urbanizados (EAU) – são áreas públicas urbanizadas destinadas ao convívio social, ao lazer, à prática de esportes e à recreação ativa ou contemplativa da população, correspondendo aos parques de recreação, às praças, largos, mirantes e outros espaços abertos públicos de recreação e lazer (SALVADOR, 2015, p. 216).

Na conceituação do projeto de revisão do PDDU de Salvador as praças têm, portanto, serventia para várias práticas, mas não encontramos a ideia de espaço para o encontro do diverso ou o exercício de cidadania, como muitos estudiosos defendem. Trata-se de um documento apontando quais os usos desejados para determinadas áreas mantidas pela administração municipal, mas, nesse contexto, cabe lembrar mais uma vez a posição de Gomes (2006), no tocante às ideias simplistas sobre o espaço público.

Fez-se necessário trazer as diferentes abordagens do que é o espaço público, contudo, como já mencionado anteriormente, esta pesquisa tem por objetivo problematizar o significado de espaço público através da experiência vivida dos usuários de duas diferentes praças em Salvador.² Para esta investigação, optamos por entender o sentido de espaço público através das falas dos indivíduos que vivenciam e experienciam no seu cotidiano estes lugares. Foi a Geograficidade, conceito elaborado por Eric Dardel, que norteou a operacionalização e a análise dos dados obtidos nesta pesquisa.

1.5.3 Geograficidade

Publicado no ano de 1952 por Eric Dardel, o livro “O homem e a terra” busca lançar alicerces fenomenológicos para a Geografia. Geograficidade é o principal conceito desenvolvido no livro e diz respeito à relação entre o homem e a terra.

² Ou seja, nosso objetivo principal nesta pesquisa não é superar os conceitos de espaço público já existentes, mas sim entender o espaço público enquanto fenômeno por meio de uma das suas possibilidades de manifestação, a praça pública.

Antes mesmo de recortes espaciais tornarem-se conceitos na Geografia como, por exemplo, lugar e região, estes são modos de existência e da vida. De tal modo, não podemos concebê-los apenas como abstrações conceituais. É necessária a experiência vivida para abordar tais conceitos.

Neste estudo, os recortes espaciais são as praças inseridas na cidade de Salvador, e a cidade grande, para Dardel, é “uma intervenção do homem sobre a Terra, um desenvolvimento circundando um ponto, um porto, um cruzamento [...]” (DARDEL, 2015, p. 27). Ainda para o autor, é a rua a realidade da geografia da cidade, pois a rua é

centro e quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão; elemento construtivo e permanente, às vezes quase inconsciente [...] realidade concreta, imediata, que faz do cidadão [...] um homem diante dos outros, sob o olhar de outrem, “público” no sentido original da palavra (DARDEL, 2015, p.28).

A praça surge na convergência de ruas da cidade grande, um espaço transformado pelo homem e que transforma o homem, é também ambiente onde se concentra e ocorre a vida de muitos sujeitos que, de alguma forma, têm forte ligação com este lugar que os chama e atrai. Lugar é abordado aqui com o sentido de “terra que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade” (DARDEL, 2015, p. 34). Parafrazeando o autor, é esta “realidade geográfica” do espaço público que almejamos alcançar. Para isso, segundo Dardel, é necessário “uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica” (DARDEL, 2015, p. 34).

Dardel alerta ainda que a Geografia da realidade não propõe uma visão romântica, mas sim salienta que esta Geografia é mais vivida do que expressada através dos conceitos. Cada indivíduo tem sua perspectiva de determinado espaço.

Relph (1979) compreende a Geograficidade de Dardel como os múltiplos modos de sentir e conhecer lugares, além disso, denota também uma ligação entre o homem e os espaços que dizem respeito a sua existência.

Assim, o lugar se apresenta também como conceito central nesta pesquisa, fazendo-se imprescindível uma explanação acerca deste conceito.

1.5.4 Lugar

O lugar nesta pesquisa se apresenta como possível resultante da Geograficidade dos sujeitos em relação ao espaço público, já que há moradores de rua que habitam estas áreas, pessoas que passam a maior parte do seu dia trabalhando em praças ou no entorno destas, surgindo, assim, uma relação afetiva, de pertencimento.

De acordo com Tuan (1983) e seu conceito de lugar a partir da experiência, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6). É apropriado trabalharmos nesta perspectiva de lugar quando observamos que o autor formula suas ideias pensando justamente em trazer a experiência dos homens com o espaço como relevante em comparação aos “modelos e inventários” produzidos por planejadores, já que estas criações geralmente não se valem da “rica informação derivada da experiência”. (TUAN, 1983, p.7).

A “experiência”, termo-chave que Yi-Fu Tuan desenvolve em sua obra intitulada “Espaço e Lugar” e publicada com tradução em Português em 1983, se mostra compatível com o nosso estudo de “Geografia da Realidade”, já que, para o autor:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, o paladar e o tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 1983, p. 9).

Ao longo da pesquisa e conforme encontrarmos indícios de que o espaço público se torna lugar para seus agentes, a partir da experiência e da relação com este espaço, indicaremos como se constitui o lugar nas praças estudadas.

2. CARACTERIZAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA DAS PRAÇAS

O presente estudo busca compreender o espaço público, considerando de modo prioritário a categoria praça. Temos por objetivo reconhecer e identificar a constituição do espaço público em duas praças do Centro Antigo de Salvador a partir do conceito de Geograficidade.

As praças às quais nos referimos são a Praça da Piedade e a Praça do Largo do Santo Antônio Além do Carmo (ao longo do texto chamaremos apenas de Praça do Santo Antônio), ambas localizadas no Centro Antigo de Salvador. Segundo Bahia (2010), o Centro Antigo diz respeito a uma região que aglomera onze bairros da área central mais antiga da cidade.

É necessário diferenciar o Centro Antigo de Salvador (CAS), do Centro Histórico de Salvador (CHS). O CAS é uma área delimitada para políticas públicas de proteção e reabilitação. De acordo com Bahia (2010), o CAS possui onze bairros, dentre eles o CHS, ou seja, o Centro Histórico de Salvador está incluso na área do CAS, porém, nem todos os bairros do Centro Antigo de Salvador são considerados Patrimônio da Humanidade como é o caso do Pelourinho, que foi assim reconhecido pela UNESCO em 1985. Esta característica é relevante para a denominação de Centro Histórico desta área. Silva (1999), nos indica ainda que,

Tradicionalmente, costuma-se denominar Centro Histórico de Salvador seus velhos núcleos de ocupação (área de ocupação inicial da cidade a partir da sua fundação, em 1549), formados pela Praça da Sé, Terreiro de Jesus, Misericórdia, Praça Municipal e Paço. No entanto, numa visão mais abrangente, a partir do critério de ocupação histórica e estrutura arquitetônica, devem-se considerar também como partes integrantes do Centro Histórico os seguintes núcleos: Rua da Ajuda, Rua Chile, Taboão, Santo Antônio Além do Carmo, Barroquinha e Baixa dos Sapateiros (SILVA, 1999, p. 259-260).

É importante ressaltar que, apesar de estarem localizadas numa mesma região da cidade, o CAS, as duas praças possuem funções³, formas e características diferentes. Salientamos que a Praça da Piedade possui um gradil que a cerca, enquanto a Praça do Santo Antônio é livre de gradis. Esta é uma característica importante posteriormente para nossa análise.

³ As funções diferentes das duas praças estudadas é um fato importante para entender os seus contextos, também diferentes. Como, por exemplo, o pequeno fluxo de pessoas no turno da noite na Praça da Piedade, já que é uma centralidade comercial e de serviços, apresentando fluxo maior de pessoas no horário comercial (das 8 às 18 horas). Assim sendo, não há atrativo para a presença de frequentadores ao longo da noite como ocorre durante o dia.

2.1 As praças no Centro Antigo de Salvador (CAS)

Como mencionado anteriormente, as praças estudadas localizam-se na área do Centro Antigo de Salvador (CAS), esta área abrange onze bairros da cidade: Centro (o que conhecemos como a área da Piedade e seu entorno), Barris, Tororó, Nazaré, Saúde, Barbalho, Macaúbas, parte do espigão da Liberdade, Santo Antônio, Comércio e o Centro Histórico (Pelourinho e adjacências).

Segundo Bahia (2015), o CAS possui uma área de sete km². A área do CAS foi delimitada pela lei municipal nº 6.586 de 2004, que dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município do Salvador (PDDU) vigente.

Para melhor definir o termo Centro Antigo de Salvador nos apropriamos da explicação de Bahia (2010):

A área atualmente compreendida pelo CAS corresponde basicamente ao trecho mais densamente urbanizado da cidade até a primeira metade do século XX. Até esta época, nesta zona estava localizada, além dos seus principais bairros residenciais, a maior parte dos edifícios destinados tanto às funções administrativas de Salvador, quanto à sua vida comercial e portuária, atividades que sustentaram o crescimento da cidade durante a maior parte da sua história (BAHIA, 2010, p. 41).

Assim, o CAS refere-se à área central, que tinha uma ocupação e urbanização densas até meados do século XX. Era nesta área da cidade onde pulsava o comércio e a administração pública ao longo da maior parte da história de Salvador. E até hoje bairros como o Centro, onde se localiza a Praça da Piedade, têm sua importância para o comércio de caráter mais popular. Também no bairro do Comércio ainda ocorrem as atividades portuárias e encontramos edifícios que abrigam órgãos municipais, estaduais e federais. É no Centro Histórico que está localizada a sede da Prefeitura Municipal de Salvador, a Câmara Municipal de Vereadores, entre outros órgãos públicos. O bairro do Santo Antônio, onde encontramos a Praça do Santo Antônio, tem atualmente um significado cultural importante para a cidade, por conta dos festejos, por exemplo, de Dois de Julho e da festa de Santo Antônio, além dos diversos bares, restaurantes e galerias que funcionam ao longo de suas ruas.

2.2 A Praça da Piedade

A Praça da Piedade é considerada uma praça central para toda a cidade, por estar próxima às avenidas e ruas como as avenidas Sete de Setembro e Carlos Gomes, onde encontramos um comércio popular efervescente e bastante dinâmico. Encontramos ainda no

entorno da praça dois *shoppings centers*, órgãos públicos, instituições educacionais, como a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia, o Gabinete Português de Leitura, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, as igrejas de São Pedro e da Piedade, além da principal estação de transporte coletivo de Salvador, a Estação de Transbordo Clériston Andrade, ou, como é conhecida popularmente, a Estação da Lapa. O fluxo de pessoas e veículos é bastante significativo, principalmente diuturnamente e de segunda-feira a sábado, horário de funcionamento comercial.

A Praça da Piedade tem um formato aproximando-se da figura de um quadrado com suas arestas arredondadas; é cercada por um gradil com formas e desenhos produzidos pelo artista plástico Carybé. Do lado de fora do gradil, encontram-se bancos de granito que contornam o desenho da praça. Este gradil possui quatro portões que dão acesso ao interior da praça. No interior da praça encontramos uma fonte luminosa, e, à sua volta, quatro estátuas.

Figura 1: Praça da Piedade e sua fonte luminosa.

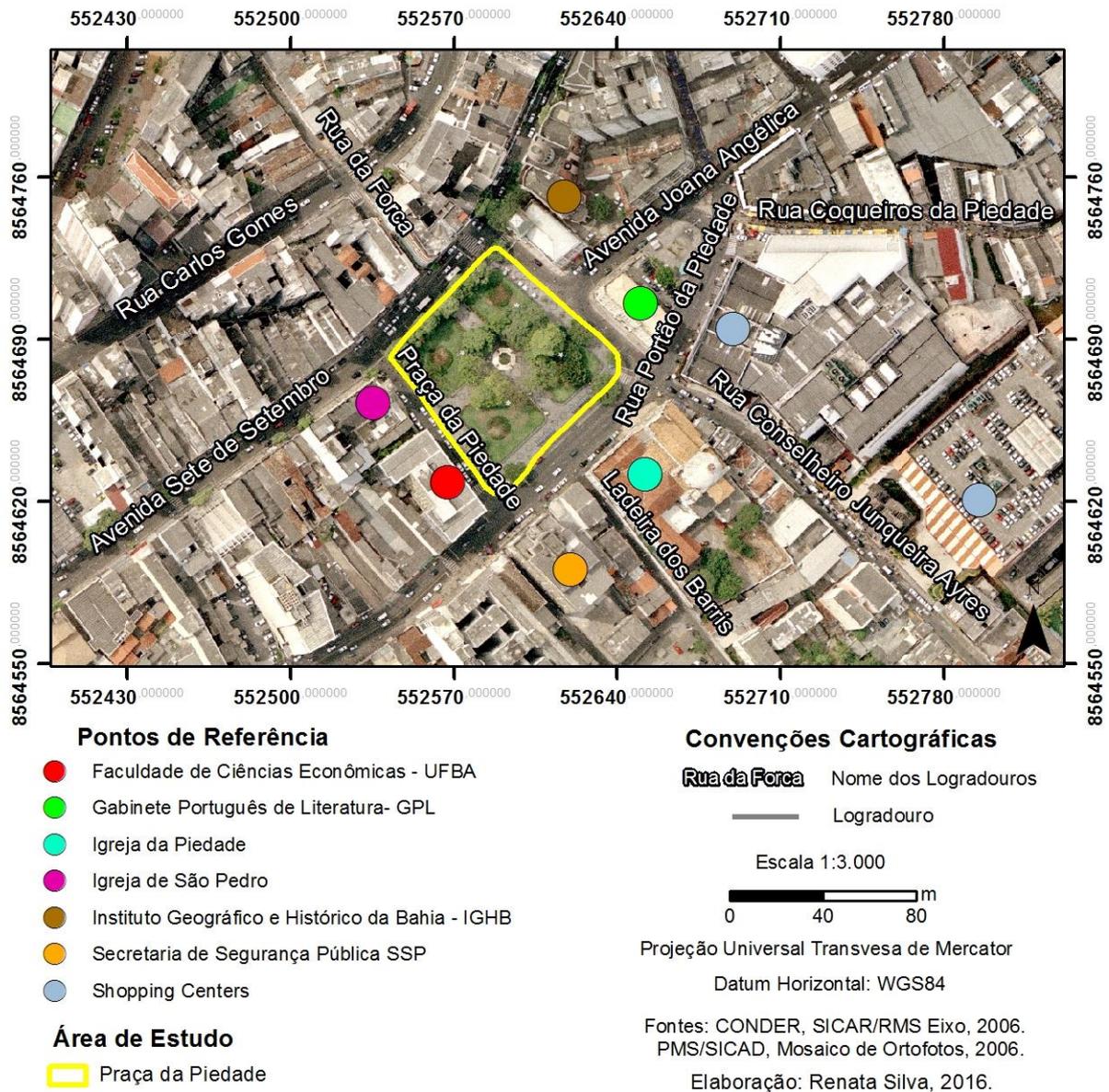


Fonte: SILVA, 2016.

Há no interior da praça também quatro bustos que homenageiam, de acordo com Santos (2010), revoltosos enforcados da Conjuração Baiana: Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luís Gonzaga das Virgens e João de Deus. Há jardins e árvores nos quatros canteiros da praça e bancos de mármore que contornam os jardins. Encontramos ainda mobiliário de iluminação e,

do lado externo do gradil, um banheiro público, porém sem funcionamento. São identificadas também, do lado externo do gradil, duas estruturas que abrigam paradas de ônibus.

Figura 2: Mapa de localização da Praça da Piedade.



2.2.1 A Praça da Piedade e sua história no Centro soteropolitano

Segundo Bahia (2010), o Centro é uma zona, já o estudo Caminho das Águas (SANTOS et al., 2010.) caracteriza o Centro como um bairro, mas os dois documentos delimitam sua área abrangendo a Praça Dois de Julho (ou do Campo Grande), a Avenida Sete de Setembro

(do Campo Grande à Praça Castro Alves), a Rua Carlos Gomes, os sub-bairros do Politeama, Barris, Dois de Julho e a Praça da Piedade.

Quanto à história que revela o aparecimento da Praça da Piedade, identificamos que essa existe em função da presença dos freis capuchinhos italianos que aqui residiam e ganharam terras para a construção da igreja e do convento da Piedade, com modificações feitas na área próxima à igreja e ao convento, surgindo assim uma esplanada que hoje tem como formato a praça:

A 24 de março de 1679 os Capuchinhos italianos, Fr. João Romano e Fr. Tomás de Sora deram começo à fundação do hospício de N. S. da Piedade, que o Regente D. Pedro doou a capuchinhos franceses, sendo prefeito Frei Jacques. Fundaram estes igreja e convento, onde habitaram por 20 anos, até que, em 1702, já rei D. Pedro II, restituiu tudo aos capuchinhos italianos, que ampliaram igreja e convento, sendo prefeito Fr. Miguel Ângelo de Nápoles [...] Em 1781 Dom Rodrigo José de Meneses fez, em frente a igreja e convento, desmontar um morro, coberto de mato, onde se acoitavam vagabundos e criminosos, e a esplanada constituiu a Praça da Piedade (PEIXOTO, 1980, p 76).

Ainda segundo Peixoto (1980), a Praça da Piedade tem importante história cívica⁴, por ser lá o local de enforcamento e esquartejamento de mártires da Inconfidência Baiana, em 1799, por crime de “lesa-majestade contra a Coroa”; toda essa ação de punição dos mártires foi exposta ao público com a intenção de dar exemplo aos demais revoltosos. Os enforcamentos ocorriam na Praça da Piedade “por ser uma das mais públicas” de Salvador. Os quatro revoltosos enforcados na Praça da Piedade – Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luís Gonzaga das Virgens e João de Deus – são homenageados com bustos na própria Praça, no entorno da fonte luminosa, como atesta o trecho a seguir: “Hoje, talvez no antigo local do patíbulo, ergue-se inocente fonte luminosa” (BRANDÃO & MOTTA E SILVA, 1958, p. 39).

Com o passar do tempo, mais precisamente no fim do século XIX, a Praça da Piedade passou por reformas e

foi transformada em jardim, decorado com fonte, canteiros floridos, bancos, largos passeios circundando a praça e uma limpeza impecável. Aos domingos, à noite, a Banda Sinfônica da Polícia Militar reunia na praça centenas de pessoas elegantes, jovens e casais de namorados. [...] No início do século XX, com a abertura da Av. Sete de Setembro, a praça foi cercada por gradil de ferro – retirado posteriormente –, plantio de novas espécies vegetais e colocação de estátuas, tudo ao gosto inglês (UFBA; BAHIA, 2012, p. 371).

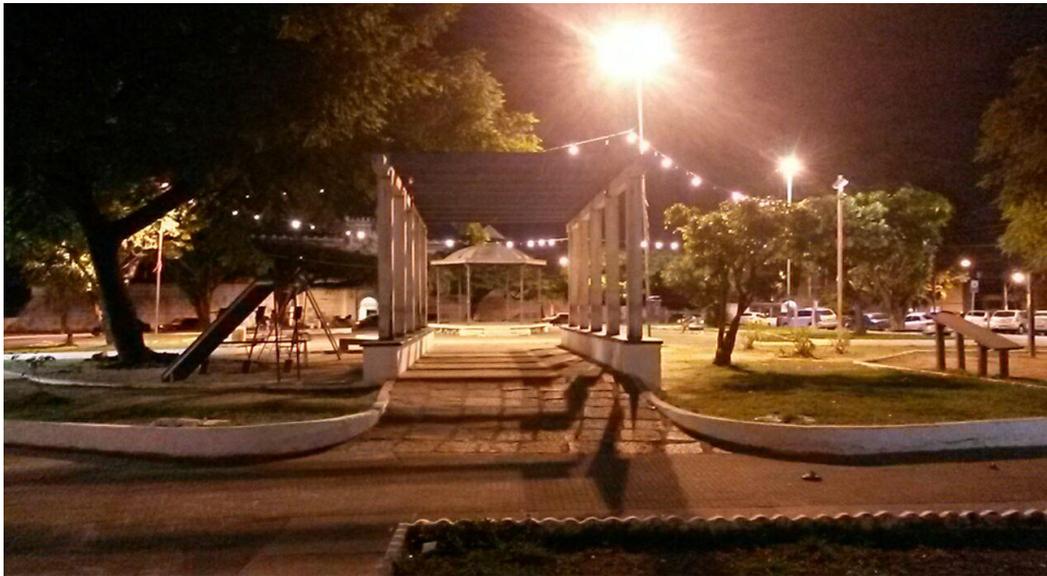
⁴ Neste breve histórico da Praça da Piedade não foi possível abarcar toda a sua densidade histórica de fatos cívicos, acontecimentos políticos, tragédias, etc. Assim, demos maior atenção, como exemplo relevante e emblemático, ao episódio da Inconfidência Baiana.

Já por volta dos anos 1970 e 1980, de acordo com UFBA e Bahia (2012), a Praça passou por um processo de degradação, ficando abandonada e insegura. Porém, nos anos 2000, com novas obras de reforma, além do embelezamento, foi implantado o gradil de ferro idealizado pelo artista plástico Carybé.

2.3 A Praça do Santo Antônio

A Praça do Santo Antônio apresenta uma centralidade menor se comparada à Praça da Piedade: sua abrangência alcança, sobretudo, o bairro do Santo Antônio Além do Carmo, bairro este que tem também importância histórica no contexto de ocupação e expansão da cidade de Salvador. Foi em direção à área do bairro do Santo Antônio que a cidade de Salvador começou a crescer, extrapolando os limites do Pelourinho. Encontramos no entorno da Praça do Santo Antônio, importantes edificações, como o Forte do Santo Antônio Além do Carmo, hoje conhecido como Forte da Capoeira por abrigar grupos desta dança-luta afro-brasileira. Além disto, esta edificação já serviu como fortaleza para a proteção da cidade e também como local de detenção. Ainda nas proximidades da praça encontramos a Igreja de Santo Antônio que, assim como o bairro, homenageia o Santo de mesmo nome. É nesta mesma igreja e na praça que ocorrem as festa em homenagem ao referido santo no mês de Junho. A praça conta ainda com uma bela vista para a Baía de Todos os Santos por estar adjacente à falha de Salvador e a seu frontispício.

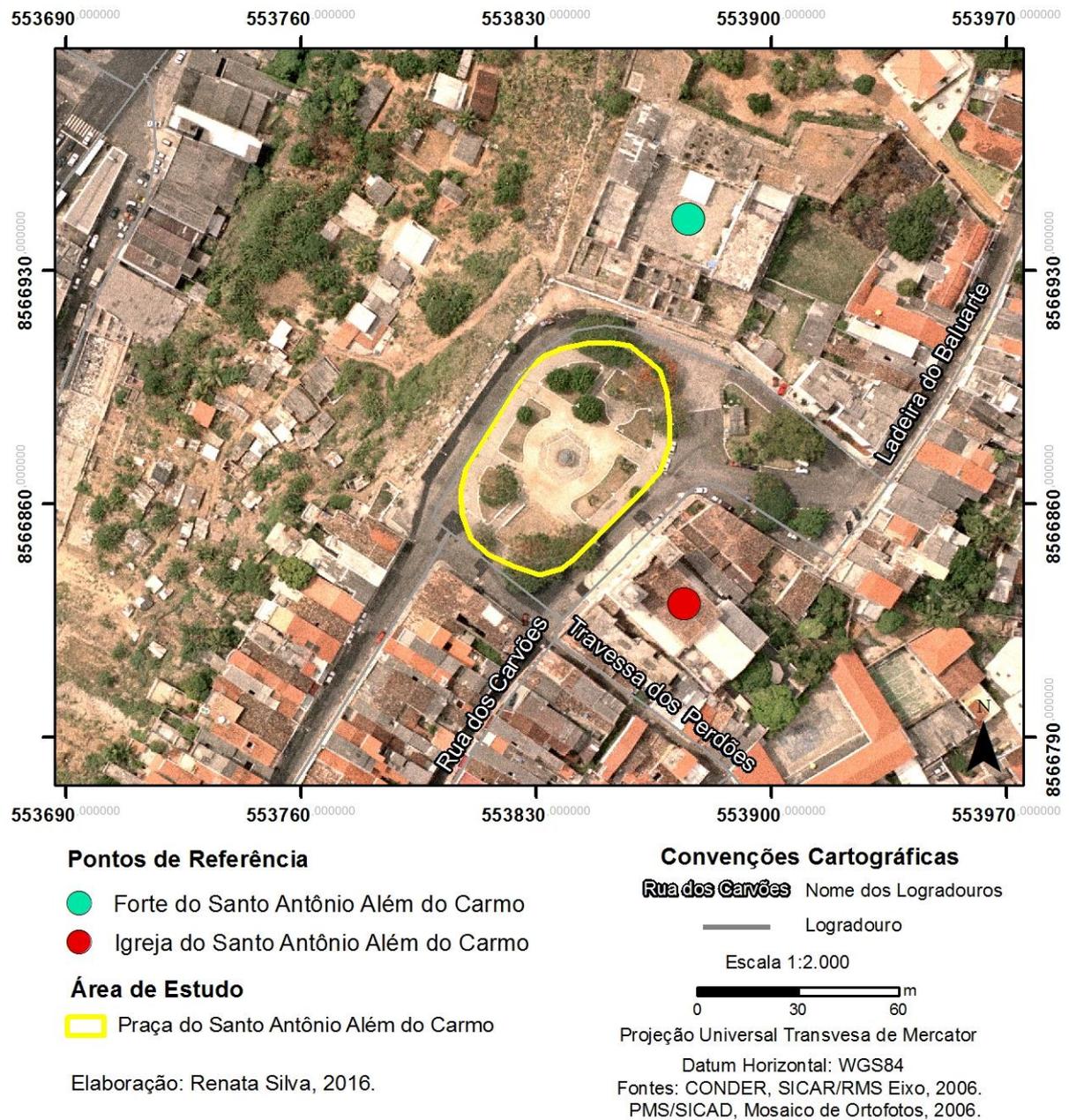
Figura 3: Praça do Santo Antônio à noite, ao lado esquerdo equipamentos e brinquedos infantis e, no centro do plano de fundo, o coreto.



Fonte: SILVA, 2016.

A Praça do Santo Antônio tem um formato mais oval. Encontramos nesta praça árvores e pequenas áreas com jardins. Um coreto também pode ser visto no centro da praça, existem bancos de concreto distribuídos pelo espaço da praça, além de mesas e bancos de concreto em um dos cantos próximos ao Forte. Há ainda um parque infantil (com gangorra, escorregador e balanços) e equipamentos para musculação/atividade física com material de concreto e madeira.

Figura 4: Mapa de localização da Praça do Santo Antônio Além do Carmo.



2.3.1 A história da Praça e bairro do Santo Antônio

Diferente do Centro, tanto para Bahia (2010) como para Santos et al. (2010), o Santo Antônio é considerado um bairro. Estes documentos enfatizam a importância do bairro e seu

legado para a arquitetura, em grande parte tombada tanto pelo Governo Federal, como pelo Governo Estadual. Podemos delimitar o bairro do seguinte modo:

Passo, Carmo e Santo Antônio, correspondem ao trecho definido como 1º Distrito da antiga Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo. A urbanização mais sistemática desta área data de meados do século XVII, a partir da consolidação do vetor norte de expansão da cidade. A origem deste vetor foi condicionada tanto pela instalação de algumas instituições religiosas a norte da cidade murada, iniciada com a fundação do convento do Carmo, ainda em 1586, quanto pela sua articulação com a Estrada das Boiadas, principal via de comunicação terrestre entre Salvador, o Recôncavo açucareiro e o sertão do gado (BAHIA, 2010, p 50).

Encontramos no bairro do Santo Antônio muitas edificações relacionadas ao turismo, como pousadas e hotéis, além de espaços ligados ao meio artístico, cultural e gastronômico, como bares, restaurantes e galerias de arte.

Como já mencionado, o Santo Antônio foi um dos primeiros bairros de Salvador, com os primeiros indícios de expansão da cidade, assim atentamos para a herança histórica que pode ser observada em edificações como a Igreja do Santo Antônio, o Forte do Santo Antônio Além do Carmo, a Igreja e o Convento do Carmo (atualmente funcionando como hotel). A Igreja do Boqueirão, construída sobre a falha de Salvador, o Plano Inclinado do Pilar e o monumento da Cruz do Pascoal são também algumas das belas e históricas construções do bairro.

O surgimento da Praça do Santo Antônio e sua ocupação ocorreu no final do século XVI, quando

o proprietário de terras Cristovão de Aguiar Daltro ergueu uma capela em louvor a Santo Antônio. Para isso, escolheu um local alto e estratégico, de onde se vislumbra a Baía de Todos os Santos. Na encosta, foi construída uma fortaleza, sob a proteção do mesmo santo, edificação hoje destinada ao funcionamento de um espaço cultural, dedicado à capoeira (UFBA; BAHIA, 2012, p. 179).

De acordo com este guia arquitetônico de Salvador, a paisagem que temos hoje do local data do final do século XIX. O documento também nos afirma que “A Praça é de fundamental importância para o lazer da população local e também para as festividades em homenagem a Santo Antônio, realizadas no mês de junho” (UFBA; BAHIA, 2012, p. 237).

Historicamente, de acordo com Peixoto (1980), o nome Santo Antônio Além do Carmo está relacionado à localização do que seria a outra colina Além do Monte Calvário, ou seja, além da Colina do Carmo, assim, surge o nome “Santo Antônio de Além do Carmo”. O autor

sinaliza ainda a importância do Forte de Santo Antônio Além do Carmo para a defesa da cidade de Salvador, “forte, que nos foi eficaz contra os holandeses da Segunda Invasão, comandada por Maurício de Nassau, em pessoa” (PEIXOTO, 1980, p. 46).

3. UMA GEOGRAFIA DA REALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO

Vamos nos ater neste terceiro capítulo a apresentar o que chamamos até aqui de “a Geografia da Realidade” do espaço público encontrada nas duas praças estudadas. No capítulo a seguir expomos e analisamos os resultados encontrados através das enquetes e entrevistas.

3.1 Ocupação e apropriação das praças

As enquetes elaboradas e aplicadas buscavam abarcar um conhecimento prévio dos usuários e suas opiniões no tocante ao uso, à apropriação e ao significado das praças para estes agentes. As enquetes nos auxiliaram a traçar uma descrição de como os agentes experienciam e percebem as praças. Também foram as enquetes e os dados delas resultantes que propiciaram a escolha dos agentes entrevistados.

Apresentamos cada fator desta realidade, comparando as respostas encontradas nas duas praças, assim, para cada fator apresentado temos duas tabelas elaboradas. São, no total, quinze fatores, ou seja, trinta tabelas apresentadas, quinze tabelas para cada praça.

As primeiras tabelas trazem o bairro de residência dos agentes das praças, apresentamos por meio deste fator a abrangência que possuem em termos de uso/atratividade as duas praças na cidade. Comprovamos, a partir das tabelas, que na Praça da Piedade encontramos pessoas de diversos bairros de Salvador e com uma disparidade pequena em relação à quantidade de pessoas para cada bairro.

Já na Praça do Santo Antônio, mais da metade das pessoas que responderam às enquetes, vinte e uma, são residentes do bairro do Santo Antônio, seguidas por nove moradores do bairro do Barbalho que é adjacente ao bairro do Santo Antônio. Comprovamos uma centralidade com menor abrangência desta praça, abarcando as áreas mais próximas em termos de atratividade/uso.

Tabela 1: Bairro de Residência dos agentes da Praça da Piedade e da Praça do Santo Antônio.

Praça da Piedade	
Tabela 1 - Bairro de Residência	
Bairro	Frequência
2 de Julho	4
Cabula	4
Cajazeiras	4
São Caetano	4
Piedade	3
Periperi	3
Pirajá/Campinas de Pir.	3
Nazaré	2
Plataforma	2
Pernambúes	2
Jardim Cruzeiro	2
Ilha Amarela	2
Barroquinha	1
Barris	1
Vale do Tororó	1
Lapa	1
Pelourinho	1
Paripe	1
Vida Nova	1
Mata Escura	1
Lauro de Freitas	1
Faz. Grande 4	1
Calabetão	1
Nova S. Francisco do Conde	1
Mirantes de Periperi	1
IAPI	1
Gamboa	1
Rio Real	1
Brotas	1
Liberdade	1
Barro Duro	1
Itinga	1
Águas Claras	1
Jardim Brasília	1
Ribeira	1
Cosme de Farias	1
Alto do Cabrito	1
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 1 - Bairro de Residência	
Bairro	Frequência
Santo Antônio	21
Barbalho	9
Baixa de Quintas	2
Carmo	1
Federação	1
Mata Escura	1
Plataforma	1
Jardim Brasília	1
Liberdade	1
Pernambúes	1
Novo Horizonte	1
Total	40

Elaboração própria, 2016.

O segundo e terceiro fatores investigados correspondem ao perfil dos agentes, primeiramente o sexo e, em seguida, o cruzamento entre sexo e faixa etária. Nas duas praças,

os homens são a maioria dos usuários, porém, na Praça da Piedade a diferença entre homens e mulheres é pequena (tabela 2).

Tabela 2: Sexo dos agentes da Praça da Piedade e da Praça do Santo Antônio.

Praça da Piedade		
Tabela 2 - Sexo		
Homem	Mulher	Total
33	27	60

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio		
Tabela 2 - Sexo		
Homem	Mulher	Total
27	13	40

Elaboração própria, 2016.

Quando cruzamos o fator sexo com a faixa etária, observamos que a maioria dos indivíduos presentes nas duas praças são homens, mas a faixa etária nos revela que na Praça da Piedade a maioria dos homens tem idade entre 60 a 64 anos e, na Praça do Santo Antônio, a idade varia de 30 a 34 anos. Já as mulheres encontradas na Praça da Piedade apresentam idade entre 30 e 34 anos, enquanto na Praça do Santo Antônio a faixa etária das mulheres é um pouco mais variada, tendo a maioria idade entre os 25 e 29 anos (tabela 2.1).

Tabela 2.1: Faixa Etária x Sexo dos agentes da Praça da Piedade e da Praça do Santo Antônio.

Praça da Piedade			
Tabela 2.1 - Faixa Etária X Sexo			
Faixa Etária	Homem	Mulher	Total
15-19	1	1	2
20-24	1	5	6
25-29	3	4	7
30-34	4	7	11
35-39	4	2	6
40-44	4	3	7
45-49	4	0	4
50-54	2	0	2
55-59	3	1	4
60-64	5	3	8
mais de 65	2	1	3
Total	33	27	60

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio			
Tabela 2.1 - Faixa Etária X Sexo			
Faixa Etária	Homem	Mulher	Total
15-19	1	0	1
20-24	2	2	4
25-29	3	3	6
30-34	7	1	8
35-39	4	0	4
40-44	3	0	3
45-49	1	1	2
50-54	3	2	5
55-59	1	0	1
60-64	0	2	2
mais de 65	2	2	4
Total	27	13	40

Elaboração própria, 2016.

De modo geral, a análise do perfil dos usuários nas duas praças revela um maior número de homens e mulheres com idades entre 25 e 34 anos, e, especificamente na Praça da Piedade, idosos com mais de 60 anos estão entre os usuários mais frequentes.

Os motivos de visitação destes agentes às praças variam (tabela 3). Na Praça da Piedade o principal motivo é o trabalho, pois com o fluxo de pessoas que envolve a praça, este é um ótimo lugar para as vendas: há muitos ambulantes, muitos deles participantes de nossa pesquisa, já que passam a maior parte do tempo nestes espaços públicos. Entre os nossos quatro entrevistados da Praça da Piedade, dois são vendedores ambulantes. Outro motivo de visitação da Praça da Piedade é o lazer. Também na Praça do Santo Antônio é o lazer o principal motivo de visitação: isto é atribuído à sua localização próxima a bares, restaurantes e edificações relacionadas à cultura e também à vista panorâmica que possui para o mar da Baía de Todos os Santos.

Tabela 3: Motivo de visitação às Praças segundo seus agentes.

Praça da Piedade		Praça do Santo Antônio	
Tabela 3 - Motivo de visitação à praça		Tabela 3 - Motivo de visitação à praça	
Trabalho	21	Trabalho	3
Lazer	14	Lazer	28
Passagem	4	Passagem	1
Outro	13	Outro	1
Mais de um motivo	8	Mais de um motivo	7
Total	60	Total	40

Elaboração própria, 2016.

Elaboração própria, 2016.

Outro fator considerado em nossa pesquisa diz respeito ao momento do dia no qual as pessoas frequentam as praças (tabela 4). Na Praça da Piedade, a maioria das pessoas, vinte e seis, disse visitar o espaço público no turno da manhã, com exceção dos agentes que trabalham na praça ou próximos a ela: estes visitam/ocupam a praça ao longo do dia todo, em mais de um turno, como é o caso de vinte e quatro pessoas. Já na Praça do Santo Antônio, a visitação ocorre com mais frequência no período da tarde, quando os pais voltam da escola com suas crianças e param para brincar no parque, ou quando alguns moradores do bairro vão se exercitar na praça após o expediente de trabalho; o pôr do sol também é um dos motivos que atraem as pessoas a visitarem a Praça neste período. Em função das missas na igreja, das aulas de capoeira no forte, ou ainda do movimento das pessoas que vão passear, frequentar os bares e restaurantes do bairro, a praça também tem significativa ocupação à noite.

Tabela 4: Turno de visitação às Praças segundo seus agentes.

Praça da Piedade		Praça do Santo Antônio	
Tabela 4 - Turno de visitação à praça		Tabela 4 - Turno de visitação à praça	
Manhã	26	Manhã	0
Tarde	7	Tarde	14
Noite	3	Noite	10
Mais de um turno	24	Mais de um turno	16
Total	60	Total	40

Elaboração própria, 2016.

Elaboração própria, 2016.

Sabendo o turno de maior visitação nas praças, seguimos com a apresentação da frequência de visitação (tabela 5), ou seja, quantas vezes na semana e/ou no mês estes agentes visitam os dois espaços públicos. Na Praça da Piedade, a maioria das pessoas respondeu frequentá-la cinco e/ou seis dias na semana, de segunda-feira a sexta-feira/sábado, o que corresponde aos dias de funcionamento do comércio que funciona no entorno da praça.

Tabela 5: Frequência de visitação às Praças segundo seus agentes.

Praça da Piedade					
Tabela 5- Frequência de visitação à praça					
	Semana	Mês	a cada 15 dias	a cada 2 meses ou mais	
1 dia	1	5	0	3	60
2 dias	4	1			
3 dias	5	1			
4 dias	3	0			
5 dias	15	1			
6 dias	15	0			
7 dias	6	0			
Total	49	8	0	3	60

Elaboração própria, 2016.

Já na Praça do Santo Antônio quinze pessoas responderam que visitam a praça todos os dias; dez pessoas disseram ainda que frequentam a praça três dias na semana. Como o uso e a atratividade desta Praça independem do movimento comercial, a frequência ocorre de maneira mais distribuída ao longo da semana e muitas pessoas a frequentam também aos domingos.

Praça do Santo Antônio					
Tabela 5 - Frequência de visitação à praça					
	Semana	Mês	a cada 15 dias	a cada 2 meses ou mais	
1 dia	1	1	0	1	40
2 dias	7	1			
3 dias	10	0			
4 dias	3	0			
5 dias	0	0			
6 dias	0	0			
7 dias	16	0			
Total	37	2	0	1	

Elaboração própria, 2016.

Quando questionamos sobre a estrutura das praças, tanto na Praça da Piedade como na Praça do Santo Antônio mais da metade dos agentes afirmaram que ela não é boa (tabela 6).

Tabela 6: Estrutura das Praças segundo seus agentes.

Praça da Piedade	
Tabela 6 - Boa estrutura na praça?	
Sim	25
Não	35
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 6 - Boa estrutura na praça	
Sim	13
Não	27
Total	40

Elaboração própria, 2016.

Na Praça da Piedade, os usuários se queixaram da estrutura de segurança e limpeza/higiene. Na Praça do Santo Antônio as queixas se concentraram nos itens equipamentos/mobiliários e limpeza/higiene (tabela 6.1).

Tabela 6.1: Fatores que podem melhorar a estrutura das Praças, apontados por seus agentes.

Praça da Piedade	
Tabela 6.1 - Quando não, fatores que podem melhorar	
Segurança	23
Limpeza/Higiene	15
Mobiliário	5
Retirada de moradores de rua	5
Sanitário público	4
Outros	4

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 6.1 - Quando não, fatores que podem melhorar	
Segurança	5
Limpeza/Higiene/Manutenção	11
Mobiliário	23
Retirada de moradores de rua	0
Sanitário público	4
Outros	3

Elaboração própria, 2016.

Sobre o fator segurança, identificamos que apenas seis pessoas, das sessenta que responderam as enquetes na Praça da Piedade, disseram que a praça é um lugar seguro; a grande maioria afirmou ser a Piedade uma praça insegura. Ao contrário disto, no Santo Antônio, vinte e nove pessoas, ou seja, mais da metade dos usuários participantes desta pesquisa, afirmam que a praça é um lugar seguro (tabela 7).

Tabela 7: A segurança nas Praças segundo seus agentes.

Praça da Piedade	
Tabela 7 - A praça como lugar seguro	
Sim	6
Não	54
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 7 - A praça como lugar seguro	
Sim	29
Não	11
Total	40

Elaboração própria, 2016.

Apesar da insegurança percebida nestes espaços públicos, perguntamos aos nossos agentes se as praças são lugares agradáveis de estar, se eles gostam de visitar as praças. Na Praça da Piedade mais da metade dos agentes, quarenta e quatro, não consideram a praça um lugar agradável. O oposto ocorre na Praça do Santo Antônio, onde apenas uma pessoa não considera a praça um lugar agradável, a grande maioria, trinta e nove, afirma que a praça é sim um lugar agradável para estar (tabela 8).

Tabela 8: As Praças como lugar agradável para seus agentes.

Praça da Piedade	
Tabela 8- A praça como lugar agradável	
Sim	16
Não	44
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 8- A praça como lugar agradável	
Sim	39
Não	1
Total	40

Elaboração própria, 2016.

Também questionamos os usuários se consideram as praças como espaços públicos. Em relação a essa pergunta, a maioria das pessoas respondeu que sim, pois são abertas ao público, mesmo no caso da Piedade, que é cercada por um gradil, com portões que são fechados à noite (tabela 9). Deste modo, a maioria das pessoas atribui o caráter público a estes espaços por serem “abertos/livres” a diversos usos e apropriações. Apenas uma das pessoas, na Praça da Piedade, respondeu que a praça não era um espaço público, justamente porque os portões são fechados em determinado horário; esta pessoa é um morador de rua que ocupa a praça à noite, especificamente o espaço que fica do lado de fora do gradil. Neste caso, podemos reconhecer um tipo de controle/inibição da acessibilidade como funcionalidade do gradil, voltaremos mais adiante a este assunto.

Tabela 9: As Praças como espaço livre para o público segundo seus agentes.

Praça da Piedade	
Tabela 9 - A praça como um espaço livre para o público	
Sim	59
Não	1
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 9 - A praça como um espaço livre para o público	
Sim	40
Não	0
Total	40

Elaboração própria, 2016.

As tabelas seguintes trazem as opiniões dos usuários sobre a acessibilidade nas praças. Aqui atentamos para uma importante característica presente na Praça da Piedade e ausente na Praça do Santo Antônio: o cercamento ou gradil (tabela 10).

Na Praça da Piedade queríamos saber se a o gradil é um obstáculo para o acesso livre de pessoas ao interior da praça e, dos sessenta agentes que responderam as enquetes, cinquenta e quatro acreditam que o gradil não inibe o acesso à praça. Muitas destas pessoas acreditam que o gradil é, inclusive, um equipamento de segurança da praça, que protege os

jardins e o patrimônio público. Mesmo as seis pessoas que acreditam que o gradil dificulta o acesso concordam que este permaneça ali, para garantir a proteção e a segurança do espaço.

Tabela 10: Posição dos agentes das Praças em relação à presença de gradil em torno de praças públicas.

Praça da Piedade	
Tabela 10 - A presença de gradil como obstáculo para o acesso livre de pessoas ao interior da praça	
Sim	6
Não	54
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Já na Praça do Santo Antônio, trinta e uma pessoas acreditam que a ausência de gradil na praça facilita, sim, o acesso de qualquer pessoa ao espaço.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 10 - A ausência de gradil como fator facilitador para o acesso livre de pessoas ao interior da praça	
Sim	31
Não	9
Total	40

Elaboração própria, 2016.

Com nossas enquetes buscamos investigar também de quais maneiras estes agentes pensam que uma praça pode ser ocupada e apropriada (tabela 11). Na Praça da Piedade, o Lazer/Passeio é um dos modos mais citados, seguido da ocupação/apropriação por meio do Descanso/Ócio e Cultural/Social (como apresentações musicais ou campanhas de saúde).

Tabela 11: Atividades e usos que podem ocorrer numa praça pública segundo os agentes da Praça da Piedade e da Praça do Santo Antônio.

Praça da Piedade	
Tabela 11 - Respostas para as atividades e usos que podem ocorrer numa praça pública	
Lazer/Passeio	38
Comércio/Trabalho	7
Descanso/Ócio	18
Atividade Física	4
Cultural e social	19
Protesto/Manifesto	3
Outros	1

Elaboração própria, 2016.

Já na Praça do Santo Antônio, Lazer/Passeio também é o modo mais lembrado. Em seguida aparecem a realização de Atividade Física e o Descanso/Ócio.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 11 - Respostas para as atividades e usos que podem ocorrer numa praça pública	
Lazer/Passeio	34
Comércio/Trabalho	1
Descanso/Ócio	6
Atividade Física	18
Cultural e social	12
Protesto/Manifesto	0
Outros	0

Elaboração própria, 2016.

As próximas tabelas estão relacionadas ao número de vezes que os usuários destes espaços públicos os visitam com o objetivo de estar nestes espaços, ou se as visitas nestas praças ocorrem de forma despreocupada, ao acaso, sem ter planejado estar ali. Deste modo, pretendíamos identificar se as praças são os destinos intencionais destes agentes. Na Praça da Piedade, a pretensão de estar na praça como um destino planejado varia bastante entre as opções dadas, onze pessoas afirmaram ter mais de um ano que não visitam a Praça intencionalmente; cinco pessoas nunca foram à praça com o objetivo específico de estar ali; assim, de modo geral, a Praça da Piedade pode ser caracterizada como um lugar “de passagem” (tabela 12).

Tabela 12: Última visita dos agentes das Praças a uma praça pública tendo-a como destino principal.

Praça da Piedade	
Tabela 12 - Qual a última vez você visitou uma praça com o objetivo de estar na praça?	
Hoje/Todo dia	6
Ontem	8
Semana Passada	12
Mês Passado	4
Até seis meses atrás	9
Mais de um ano	11
Nunca	5
Não lembra	5
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Na Praça do Santo Antônio é diferente, metade das pessoas que responderam as enquetes, vinte, afirmaram que visitam a praça com a intenção de estar intencionalmente ali.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 12 - Qual a última vez você visitou uma praça com o objetivo de estar na praça?	
Hoje/ Todo dia	20
Ontem	7
Semana Passada	4
Mês Passado	3
Até seis meses atrás	3
Mais de um ano	0
Nunca	3
Não lembra	0
Total	40

Elaboração própria, 2016.

Apesar de alguns problemas encontrados nas praças, apontados pelos usuários, um dos nossos objetivos neste estudo é o de identificar o uso e a apropriação destas praças, a partir de quem as experiencia. Nesse contexto, também buscamos identificar se estes espaços públicos são apenas praças para estes agentes ou se estes agentes têm um sentimento de pertencimento/identificação com estes espaços, tornando-os lugares. Nesses termos, o tempo (de uso/apropriação) é uma característica significativa quando falamos em lugar.

Questionamos há quanto tempo os agentes conheciam/frequentavam as praças. Na Praça da Piedade, vinte e nove pessoas a conhecem/frequentam há mais de 10 anos e outras quinze pessoas responderam conhecer/frequentar a praça há mais de 30 anos. Ou seja, a maioria dos agentes que conhecem/frequentam a Praça da Piedade faz isto há um tempo considerável (tabela 13).

Tabela 13: Tempo que os agentes das Praças conhecem e frequentam as mesmas

Praça da Piedade	
Tabela 13- Há quanto tempo conhece e frequenta a praça?	
Menos de 1 ano	3
Há 1 ano	1
Até 5 anos atrás	6
Até 10 anos atrás	6
Mais de 10 anos	29
Mais de 30 anos	15
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Na Praça do Santo Antônio, a situação é semelhante: quatorze agentes dizem conhecer/frequentar a praça há 10 anos e outros treze usuários afirmam conhecer/frequentar a praça há mais de 30 anos.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 13 - Há quanto tempo conhece e frequenta a praça?	
Menos de 1 ano	2
Há 1 ano	1
Até 5 anos atrás	7
Até 10 anos atrás	3
Mais de 10 anos	14
Mais de 30 anos	13
Total	40

Elaboração própria, 2016.

Na Praça da Piedade, trinta e oito agentes, mais da metade dos sessenta agentes, afirmaram não ter sentimento de pertencimento em relação ao espaço, não tendo esta Praça muito significado em suas vidas (tabela 14).

Tabela 14: O sentimento de pertencimento em relação às Praças segundo os seus agentes.

Praça da Piedade	
Tabela 14 - Há um sentimento de pertencimento com a praça?	
Sim	22
Não	38
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Já na Praça do Santo Antônio, ocorre o oposto, trinta e dois, dos quarenta agentes participantes da enquete, dizem possuir um sentimento de pertencimento em relação ao espaço e se identificam com a praça, que desempenha um papel importante em sua vida.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 14- Há um sentimento de pertencimento com a praça?	
Sim	32
Não	8
Total	40

Elaboração própria, 2016.

Concluimos as enquetes investigando se os usuários da Praça da Piedade conheciam a Praça do Santo Antônio e vice-versa. A maior parte dos agentes tanto em um espaço, quanto no outro, disseram conhecer ambas as praças (tabela 15).

Tabela 15: O conhecimento da Praça do Santo Antônio segundo os agentes da Praça da Piedade e o conhecimento da Praça da Piedade segundo os agentes da Praça do Santo Antônio.

Praça da Piedade	
Tabela 15 - Você conhece a Praça do Santo Antônio?	
Sim	32
Não	28
Total	60

Elaboração própria, 2016.

Praça do Santo Antônio	
Tabela 15 - Você conhece a Praça da Piedade?	
Sim	36
Não	4
Total	40

Elaboração própria, 2016.

3.2 O espaço público e os seus agentes

As enquetes, além de ajudar a traçar o perfil dos frequentadores das praças, também tinham como finalidade auxiliar na escolha dos entrevistados da segunda etapa da pesquisa, portanto, a partir das respostas das enquetes e da disponibilidade dos agentes em participar das entrevistas, escolhemos os sujeitos que responderam ao nosso roteiro de perguntas.

Alguns dos fatores que nos levaram a escolher os agentes entrevistados foram as respostas positivas a determinadas questões como, por exemplo, considerar as praças um lugar agradável de estar e ter sentimento de pertencimento em relação à praça frequentada.

Assim, os agentes escolhidos para a entrevista na Praça da Piedade foram Eliane Ramos (34 anos, ambulante), Francivaldo Alves (47 anos, porteiro), Jorge Ribeiro (54 anos, produtor cultural) e Valter Silva (50 anos, ambulante); já na Praça do Santo Antônio, contamos com a participação de Clara Gouveia (66 anos, artista plástica), Lucas Cordeiro (24 anos, empresário no ramo de hospedagem), Rita de Jesus (51 anos, mestre de capoeira) e Rose Santos (51 anos, ambulante).

Como nosso principal objetivo é o de entender o espaço público enquanto fenômeno, a partir de uma de suas manifestações, a praça, com foco na apropriação e no uso dos espaços considerados, buscamos compreender o que é uma praça para nossos entrevistados e o que eles entendem por espaço público.

3.2.1 A praça e o espaço público

Para nossos agentes, a finalidade de uma praça é de fato o lazer, a diversão, os jogos e brincadeiras infantis, os encontros ou o descanso, como pode ser constatado nas falas a seguir:

Pra mim uma praça é uma área de lazer, uma área pública de lazer, que desde quando tenha condições de uma pessoa usufruir do que tá tendo na praça, é uma praça (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

A praça pra mim é você ter um lugar, a praça pra mim é onde eu vejo que tem que ter uma estrutura pra que as pessoas possam vir e trazer os seus filhos pra se divertir. Aqui tem uma praça e sou muito feliz de morar nesse bairro do Santo Antônio e tenho essa praça e que todos podem vim e se divertir (Rita de Jesus, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Ah, a praça é a união da comunidade, toda vez que a gente quer fazer alguma coisinha vem pra praça, vem ler, vem jogar, vem brincar, trazer as crianças pra brincar, pra mim isso é praça! E de vez em quando pode se fazer uma festa, um show, um evento pra comunidade (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Na fala posterior, identificamos ainda a Praça do Santo Antônio como “território” (embora a entrevistada fale de “lugar”, voltaremos a isso no capítulo 4), ou seria um efeito de sua abrangência que atinge apenas a comunidade do bairro e adjacências?

Olha bem, pra mim, uma praça é um lugar de encontros, é um lugar de lazer, é um lugar de respeito, é um lugar de convivência em geral da comunidade (Rose Santos, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Jorge Ribeiro nos traz uma importante afirmação, sobre a concentração e a diversidade que encontramos numa praça, ao menos na Praça da Piedade, e poderíamos defini-la exatamente assim, como nosso entrevistado: “Olhe, uma praça pra mim é onde se concentra gente de todo tipo, né? E com objetivos diversos” (Jorge Ribeiro, entrevista em realizada 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Quando a questão é o espaço público, a maioria dos entrevistados o define como um espaço com acesso livre para todos, onde se garanta o direito de todos de estar ali. Outros lembraram que, mesmo sendo um espaço público, a administração pública, como a prefeitura municipal, tem o dever de mantê-lo:

Espaço público é o espaço que na verdade é fomentado pela prefeitura e que nos pertence, é aberto a todos, não é? Todos têm direito (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Um espaço público é um espaço onde todo mundo possa circular. **A Praça do Santo Antônio é um espaço público pra você?** Com certeza, não só pra mim, mas pra todos, não só daqui, mas também os que vêm de fora (Rita de Jesus, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Já Clara Gouveia nos remete novamente à dúvida sobre a existência de um possível “território comunitário” na referida Praça, quando ela remete o uso e a apropriação do espaço público da Praça do Santo Antônio apenas aos moradores do bairro e “convidados”; assim, há, para a entrevistada, uma ideia de que nem todos poderão usufruir do espaço, ou seja, a Praça não seria tão pública assim:

É isso, o espaço público é do povo! É público! Eu só acho que o povo também tem que saber manter, cuidar, né? Mas de resto é isso. **A Praça do Santo Antônio então é um espaço público?** É um espaço público para os moradores do bairro. E convidados, né? (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.2 Ocupação/Apropriação

Questionamos nossos entrevistados, em seguida, de que maneira uma praça pode ser ocupada/apropriada por seus frequentadores, a fim de colocar em evidência se, para os frequentadores, a praça enquanto espaço público é palco da esfera política, ou se outros modos de ocupação e apropriação sobressaem nas praças contemporâneas:

Assim, como lazer, como encontro, como passatempo, tá entendendo? Entretenimento. **Para o trabalho, como é o caso do senhor também?** É, é. Como no meu caso e dos colegas aqui também, que trabalham (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Para as crianças brincarem, pra os casais namorarem, pra jogo, pra esporte, pra shows, pode fazer música sem incomodar a vizinhança. É pra isso! (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

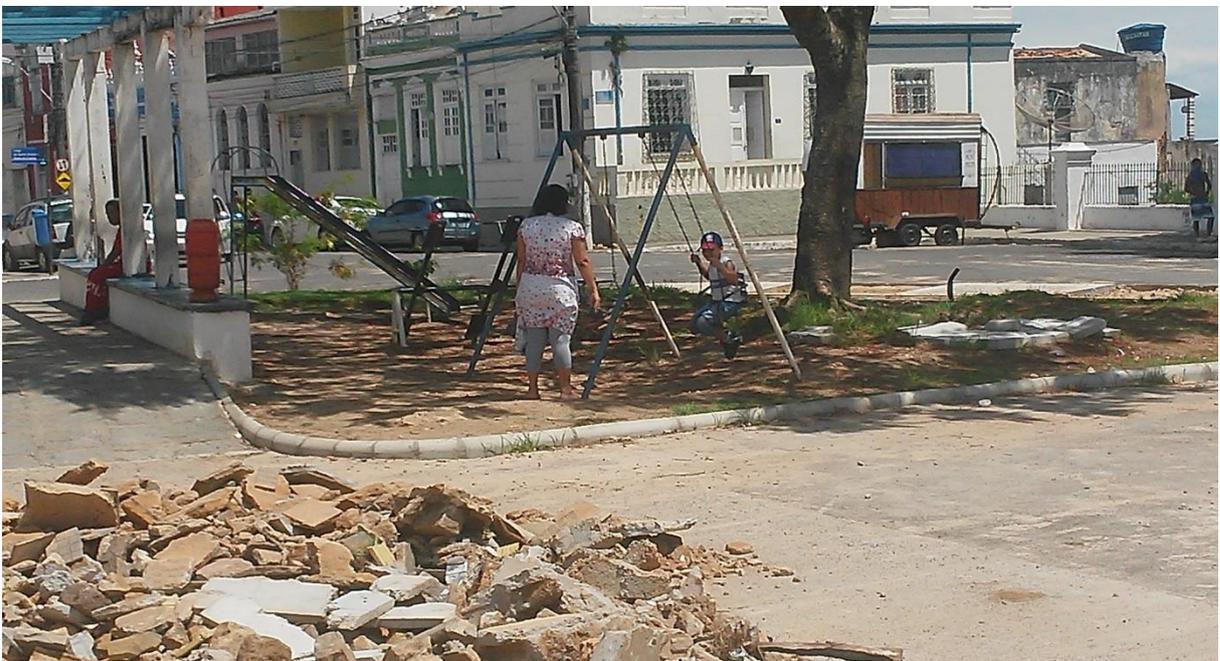
[...] para as pessoas sentarem, pra dialogar, para as crianças brincarem, pra você, assim, estar cansado vir aqui e tomar um fresquinho que é muito bom [...] (Rita de Jesus, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Lucas Cordeiro e Rose Santos, a seguir, voltam a tratar da Praça do Santo Antônio como “lugar para os moradores”, nos lembrando novamente que a praça também pode ser vista como “território” (da comunidade de moradores):

Deve ser utilizada mais pelas crianças que vão no parquinho brincar, os casais que vão namorar no final da tarde, pra alguns eventos que acontecem na praça, alguns eventos culturais que beneficiam os próprios moradores, né? (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 18 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Os meninos durante a semana jogam futebol, todo dia à tarde, os pais levam seus filhos pra brincar no parquinho, pra dar uma volta, as moças, as senhoras, os senhores caminham. Então isso que eu acho que é ser uma praça perfeita. Entendeu? Os jovens namoram, as crianças brincam, nós aqui moradores trabalhamos sextas, sábados e domingos. Quando chega no domingo à noite a gente retira toda a estrutura, a praça fica livre e mesmo quando estamos trabalhando a gente respeita a mobilidade com poucas cadeiras e respeitando a circulação de quem anda de bicicleta, de quem faz caminhada, nada que atrapalhe o ir e vir da comunidade (Rose Santos, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Figura 5: Criança brincando no parque da Praça do Santo Antônio.



Fonte: SILVA, 2016.

A maioria dos agentes acredita, portanto, que as maneiras “adequadas” de ocupar e se apropriar de uma praça é por meio do lazer, do ócio e da cultura. Apenas Jorge Ribeiro cita a

política como um possível tema para conversas na Praça: “De forma espontânea, na verdade as pessoas que se concentram na praça vêm mais pra bater papo, não é? Conversar, falar de política, do dia a dia, da sua vida, não é?” (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Em relação à cultura, durante a realização de uma entrevista foi possível, por exemplo, presenciar um espetáculo de teatro na Praça da Piedade, com notória interação entre artistas e espectadores participantes, pois a temática instigava à participação; houve uma troca entre os presentes ao longo do espetáculo, reforçando a ideia de que a cultura permite e possibilita a interação no espaço público.

Figura 6: Espetáculo de teatro na Praça da Piedade.



Fonte: SILVA, 2016.

O “Espetáculo Antônia” explorava a temática da execução da juventude negra e ocorreu em diversos espaços públicos: a Praça da Piedade iniciou a sequência de apresentações, sendo o primeiro espaço público escolhido para sua exibição. O espetáculo atraiu e concentrou uma quantidade significativa de pessoas diversas, como estudantes, trabalhadores, pesquisadores (como quem vos fala), moradores de rua, crianças e idosos, pessoas que foram assistir ao espetáculo e pessoas que estavam na praça ou transitavam por

ela e pararam para assistir. A interação ocorreu com respostas às perguntas e provocações feitas ao público pelos artistas.

Figura 7: Público assistindo ao espetáculo na Praça da Piedade.



Fonte: SILVA, 2016.

3.2.3 Gradil

Aos agentes da Praça da Piedade questionamos também se a presença do gradil inibia o acesso e se trazia mais segurança para seus frequentadores. Já na Praça do Santo Antônio questionamos se a ausência de um gradil favorecia o acesso à praça e quais consequências isso poderia ter para a segurança dos usuários. Aqui lembramos que, nas enquetes, a segurança foi a principal reclamação entre os frequentadores da Praça da Piedade.

O gradil na Praça da Piedade, para seus frequentadores, inibe o acesso, ou dá uma impressão de diminuição/restrrição do espaço, porque este esconderia o interior da praça; mas todos concordam que é uma forma de preservar os jardins e estruturas do interior da praça, como bancos, fonte, bustos, estátuas etc. Alguns pensam que sem o gradil a praça estaria destruída e remetem isso ao vandalismo, à falta de educação e cuidado dos usuários, mas não acham que o gradil inibe o acesso, pois os portões permitem a entrada e a saída das pessoas. E

mesmo para aqueles que responderam que o gradil inibe o acesso, a praça não deixaria de ser pública⁵ por este motivo:

Nunca pensei nisso, não, nunca vim pensar “ah se essa praça não tivesse” [...] Eu acho que a grade, ela só faz diminuir o tamanho, porque não dá um ar amplo. De que é maior e esconde até a beleza do jardim (Eliane Ramos, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Não, o gradil em torno da praça é necessário pra preservação do patrimônio público. [...] Olhe, pela educação do povo aqui, em especial aqui em Salvador [...] eu acho necessário porque uma praça, ela tem flores, tem plantas, então, ela precisa de um cuidado que o poder público não tem condições de, por exemplo, manter a guarda municipal 24 horas, então, o gradil, ele coíbe realmente vândalos e outros da degradação de um patrimônio público que é nosso, entendeu? **Mas ela não deixa de ser pública porque tem um gradil?** Não! (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Menina, eu acho necessário, por causa da ação dos vândalos. Segurança ele não traz, não inibe o acesso das pessoas da praça porque tem as entradas, tem quatro entradas que não impede que as pessoas tenham acesso ao interior da praça. Eu acho positivo. **Então, para o senhor a praça continua sendo um espaço público mesmo com o gradil?** Com certeza, mesmo com o gradil ela continua sendo pública! Eu acho até necessário o gradil devido à ação dos vândalos (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Figura 8: Gradil com desenhos elaborados pelo artista plástico Carybé na Praça da Piedade.



Fonte: SILVA, 2016.

⁵ Podemos afirmar que, segundo a fala dos nossos agentes, a simbologia do espaço público na Praça da Piedade é mais forte que o gradil que a cerca. Também lembramos com isto que nem todo espaço público tem acesso livre, como, por exemplo, um quartel do Exército Brasileiro, com acesso controlado, assim, o gradil não é algo proibido e pode ser utilizado em espaços públicos.

As respostas para a indagação sobre o gradil com os agentes da Praça do Santo Antônio indicaram opiniões opostas:

Não! Inibe o acesso, ao invés de grade, policiamento, se for preciso. Aqui não precisa disso. A não ser em dia de festa, dia de festa precisa ter banheiro público, policiamento, a Transalvador dar uma força também, entendeu? Mas gradear, não! Já chega a gente que vive dentro de casa gradeado (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Ah, eu acho que inibe o acesso, acho que não tem nada a ver uma... Arrodear uma praça com grades (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 18 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Nunca, a gente já tá gradeado dentro de nossas casas, eu não acho que isso seja solução pra nada, a liberdade das pessoas eu acho que é tudo [...] Eu não quero acreditar que eu pra deixar o meu filho brincar, ele tem que tá arrodeado de grade, já basta que tem que colocar dentro de casa e não dá segurança (Rose Santos, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.4 A praça dotada de valor para os agentes

O significado da praça na vida de nossos agentes foi outro questionamento para entender se o espaço público também se configura como lugar. Constatamos que tanto a Praça da Piedade, quanto a Praça do Santo Antônio são muito importantes na vida de seus usuários, por motivos e razões diferenciados. Para Eliane Ramos e Valter Silva, vendedores ambulantes na Praça da Piedade, a importância e o significado da Praça resultam do tempo que passam neste espaço, das pessoas que conhecem e encontram, e, com mais relevância, pelo fato de tirarem seu sustento através do fluxo de pessoas que circulam cotidianamente por ali: “Primeiro que eu tiro meu sustento dela, daqui, então primeiro Deus, depois ela, porque eu tiro meu sustento daqui, é daqui que eu ganho meu ganha pão.” (Eliane Ramos, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade). Já Valter afirma que: “Ah, pra mim ela é muito importante. Daqui que eu tiro o meu sustento, né? E o histórico dela, a beleza da praça, pra mim ela é muito importante. É uma praça bonita, é importante essa praça pra mim” (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Francivaldo se recorda do passado e ressalta o tempo que tem trabalhado próximo à Praça da Piedade:

Olha, pra mim ela significa muito, porque eu trabalho aqui na universidade há 16 anos, eu entrei aqui em 2000 e a gente cansava de sair pra estudar aí, pra sentar, pra conversar e antigamente aqui não tinha grade, era livre, aberta, a gente sentava, conversava, vinham pessoas de idade, tinha como brincar, conversar, tinha crianças

que ficavam aí passeando pela praça [...] (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Figura 9: Os quatro bustos dos mártires da Conjuração Baiana na Praça da Piedade.



Fonte: SILVA, 2016.

Jorge Ribeiro, por sua vez, atribui ao referido espaço uma relevância mais particular, talvez mais sentimental, relacionando a história da Praça à história de sua vida:

Olhe, quando eu cheguei, eu vivi 16 anos fora do Brasil, em vários países, pesquisando, trabalhando, estudando e resolvi vir aqui pra Praça, dando minha contribuição de conhecimento, de resistência, de fortalecimento da comunidade negra em especial, porque a minha história, ela condiz um pouco com a história desses quatro aqui (bustos dos quatro mártires da Revolta dos Alfaiates) que foram enforcados e decapitados por defenderem os direitos iguais dos cidadãos. Entendeu? É por isso que eu estou aqui, é por isso que faz parte da minha vida! (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Na Praça do Santo Antônio, o significado está totalmente relacionado às experiências do cotidiano no bairro como um todo, com referências às lembranças da infância e da família, com a expressão de um sentimento de pertencimento à Praça como lugar:

Ah, é muito importante, a minha neta nasceu aqui nesse bairro e eu trazia ela pra brincar na praça, até hoje! Ela não mora mais aqui, mas quando ela vem aqui, ela

traz o skate, ela traz os patins, bicicleta. E aqui a tarde inteira todo mundo brinca e se diverte (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

[...] ela tem um grande significado pra mim, na minha vida, porque eu sou nascido e criado aqui, então, sempre estive na praça, sempre usei a praça, brinquei na praça (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 18 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Poxa, essa praça aqui pra mim significa muita coisa. Porque é nela que eu ando de “bike”, é nela que eu ando de patins, [...] é aqui que eu tou o tempo inteiro e como eu moro aqui no Santo Antônio, eu tenho minha casa, mas meu endereço é na rua, porque eu amo minha praça, eu amo minha praça [...] Tem gente que mora em monte de bairro [...], moram na Barra, Ondina, um monte de bairro legal, mas não tem uma praça que eu tenho aqui [...] (Rita de Jesus, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Rose Santos, além de ter suas experiências cotidianas na Praça, juntamente com a família, também ressalta a importância do espaço para seu trabalho, já que comercializa ali alimentos e bebidas:

Bom, pra mim ela tem importância em dobro pelo fato de que é um dos lugares mais lindos de Salvador, tem uma vista maravilhosa, o local parece um interior, entendeu? E eu tiro um complemento da minha vida, do meu sustento, da minha família através dessa praça. Então, pra mim essa praça é superimportante. Em todos os aspectos. Meu neto chora quando ele vem pra aqui, pra poder sair “Eu quero ir pro balanço, vovó”, entendeu? (Rose Santos, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.5 O cotidiano na praça

Também nos informamos sobre como nossos agentes ocupam e se apropriam do espaço das praças no cotidiano. Eliane afirma que a praça é ocupada por ela apenas com o seu carrinho de cachorro quente, “só com o trabalho!” (Eliane Ramos, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade). Já Valter, além do trabalho, também se apropria da praça para atividades de lazer, como a leitura: “Trabalhando nela e também pro lazer, às vezes eu não estou trabalhando e venho aqui na Praça da Piedade, pra ficar batendo papo com os colegas, pra ficar lendo” (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Jorge, produtor cultural, ocupa e se apropria da Praça da Piedade de segunda a sábado, montando sua bancada com livros, discos, CDs, e seu aparelho de som que toca uma das muitas “trilhas sonoras” que envolvem a Praça:

Olhe o dia a dia aqui eu coloco músicas de cantores e autores antigos que eram... eu falo da música porque eu sou músico também, né? E documentários que a gente apresenta aqui, documentários de pessoas que já morreram, mas que têm uma história, deixaram uma história, que é um material pouco conhecido, como Abdias Nascimento, a história dele que foi militante negro, que morreu já, mas ninguém conhece a história dele, muita gente não conhece. Nelson Gonçalves, Vicente Celestino, Orlando Dias, Orlando Silva e outros (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Figura 10: Pôr do Sol visto da Praça do Santo Antônio.



Fonte: SILVA, 2015.

Na Praça do Santo Antônio, como já indicado em outros momentos, o trabalho também é uma das formas de dois dos nossos agentes ocuparem a Praça, mas o pôr do Sol, que é apreciado a partir do belvedere, é visto também como um dos atrativos para a visita do espaço, além do caráter de “extensão da casa” para os moradores do entorno:

Como eu já disse a você, quando eu quero ter uma conversa com um filho, com um amigo, com uma pessoa mais reservada, mais tranquila eu vou pra praça. [...] Se eu quero tomar uma cervejinha, bater um papo, jogar conversa fora, nós vamos pra praça, se a gente quer ver o pôr do sol a gente vai pra praça. [...] Parece uma extensão da nossa casa... [...] A coisa mais bonita que acontece aqui, [...] as famílias sobem com as suas ceias e fazem seus Natais na praça. O ano novo pela mesma forma, até queima de fogos tem aqui que a comunidade mesmo faz isso... (Rose Campos, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Olha, eu venho ver o pôr do sol, nós temos um bloco que chama “De hoje a oito”, que nós ensaiamos aqui na praça. Quando a gente sai com o bloco uma semana antes

do Carnaval, o ponto de encontro é aqui na praça, todo mundo vem pra cá pra seguir o bloco e a gente utiliza essa praça pra muitas coisas. Já fizemos feirinha, a gente põe uma tela e passa filme, sabe? A gente faz o que quer aqui, desde que seja pra comunidade (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Eu uso não só com o lazer, como também para o trabalho, eu faço comércio de bebidas, comidas em época de festa, então, [...] é uma forma que eu tenho pra ganhar um dinheiro também (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 18 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.6 Anseios de mudança

Sobre a necessidade e a vontade de fazer modificações nas duas praças, nossos agentes se posicionaram de formas diferenciadas:

Lógico! O jardim! **Fazer o que com ele? Melhorar ou retirar?** Não, melhorar, porque uma praça sem jardim não é praça e botar uns parquinhos, umas “gangorrazinhas” (Eliane Ramos, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Só tirar as grades, se pudesse tiraria as grades, deixaria livre (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

O sanitário público, porque as pessoas de terceira idade têm muitos que por tomarem medicamentos sabe, eles às vezes querem fazer as necessidades fisiológicas e aqui não tem um banheiro, uns até se urinam. Sabe? Porque não dá tempo de ir no shopping ou ir na igreja, então, o que precisa aqui é um banheiro público. Acho que não só aqui, mas em todas as praças deveria ter, já que tem uma lei, né? De que, de responsabilidade de quem faz o pipi na rua, né? Então, pra isso tem que ter uma contrapartida de ter o sanitário! **Pra que não façam na rua. É, justamente! E aquele, aquele equipamento (apontando para o banheiro na direção da Secretária de Segurança Pública) que deveria ser um banheiro público, ele é aberto, continua ali, o senhor sabe dizer?** Não funciona! E quando funcionava tinha que pagar, era cinquenta centavos, não lembro, uma coisa assim. Então, não era público (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Ah, lógico! Eu gostaria que aqui tivesse uma segurança permanente e que tivesse um banheiro público. Isso é anseio de muita gente, de nós que trabalhamos e das pessoas que frequentam, que usam a praça. **Tem uma estrutura ali que seria de um banheiro público, mas está fechada, perguntei ao outro entrevistado e ele disse que inclusive pagava quando funcionava. É, eu acho positivo pagar, até pela manutenção, pena que tá fechado. Mas se tivesse funcionando o senhor estaria satisfeito?** Se estivesse funcionando eu estaria satisfeito, mesmo que fosse pago (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Na verdade eu acho que a praça, [...] tá precisando passar por melhorias, né? Tanto como lazer, pra criança brincar, quadra de esportes, né? Musculação e tal. Tanto como a melhoria em termos de pintura e reforma mesmo da praça, entendeu? Tem algumas coisas que tá mal (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 18 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Figura 11: Praça do Santo Antônio mais recentemente com obras de requalificação.



Fonte: SILVA, 2016.

Atualmente a Praça do Santo Antônio está em obras, para a requalificação do espaço, sob a responsabilidade da Prefeitura de Salvador. Por isso, é preciso aguardar para saber se os anseios dos frequentadores foram ouvidos e se serão atendidos de fato:

A praça precisa urgentemente que ou o poder público ou os poucos moradores fazerem quiosques com banheiros, pois aí serviria a toda a comunidade e aí a gente, por estar utilizando como comércio, ficaria com a responsabilidade de cuidar, que eu não acho que tudo tem que ser com o governo, eu não tenho essa mentalidade, entendeu? Se eles nos dessem a concessão, nos dessem os quiosques. Era um banheiro pra cada quiosque, todos poderiam usar e a responsabilidade é de quem tá lucrando com o local que são os concessionários, entendeu? (Rose Santos, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.7 Interação

Questionamos nossos agentes sobre sua relação/interação com outros frequentadores das praças, no seu cotidiano, como uma maneira de evidenciar esses espaços como lugares. A esse respeito, algumas respostas corroboram com um sentido forte de interação entre os usuários da Praça da Piedade:

Pra mim é ótimo, porque é uma terapia, não é? A gente fica aqui, conhece pessoas, conversa, ganha dinheiro (risos) (Eliane Ramos, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Tem sim, amizade, confraternização, tempo que a gente não vê a pessoa, a gente marca pra ficar na Praça da Piedade conversando, trocando umas ideias, botando os assuntos em dia (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Nas falas a seguir esse sentido forte de interação entre os usuários da Praça da Piedade é também ressaltado com ênfase:

Tem também, aqui é o local da diversidade, religioso, cultural, social, econômico, que eu aprendi nos Estados Unidos a falar línguas, a falar com todo tipo de gente, ou seja, falar a língua deles. Aqui tem mendigo, tem gente de rua, tem doutor, tem advogado, tem aposentado, então você é obrigado a falar línguas, sabe? Entender tudo! E isso aí é, vem uma relação de agregação, sabe? De amor ao próximo também. E também os das necessidades, que eles necessitam, então, a gente está aqui pra indicar, pra encaminhar, pra orientar, você está entendendo o que estou falando? **Entendo, mas o senhor mantém um vínculo, por exemplo, com algum comerciante daqui, o senhor é amigo ou conversa?** É, a gente conversa, se bem que isso aqui não trata de um comércio, trata-se de um movimento cultural. **Não, eu digo os outros comerciantes, ambulantes, eu entendo o trabalho do senhor, mas o engraxate, o rapaz que vende a água, o senhor tem vínculo com essas pessoas? Os aposentados...** Temos uma relação cem por cento. Justamente, nós temos uma relação muito boa (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Há, há, [...] os frequentadores com nós comerciantes. Há uma relação de amizade sim. [...] tem muitos clientes que passam a ser, passa a ser amigo, passa a ser mais que um cliente. [...] Tudo isso ocorre por conta d'eu estar aqui na praça! (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Entre os frequentadores da Praça do Santo Antônio, há também um sentido forte de interação, mas, mais uma vez observamos, na fala da senhora Clara, a territorialização pelos moradores do espaço público da Praça, com realização de festas particulares, nas quais os não convidados não devem se “intrometer”; nas outras falas, a festa do bloco de Carnaval ou as festas da igreja parecem indicar uma interação que envolve mais pessoas:

Muito bem, muito bem, é uma beleza! A gente conhece todo mundo. Outro dia mesmo teve um churrasquinho naquele canto, embaixo daquela árvore, teve um churrasquinho ali naquelas mesinhas, dos familiares que vêm pra cá de tarde, traz uma “churrasqueira”, fica aqui. E tinha uma festa de aniversário no coreto, só de moradores, entendeu? Ninguém vai comer o churrasco de ninguém, a não ser que seja convidado. Eu tou sentada aqui, eles tão curtindo ali na boa. Muito bom! [...] quando nós fazemos festa na praça, essa mesmo do nosso bloco, o bairro inteiro fica perguntando “Que dia vai ser a festa? Que dia vai ser a festa?”, todo mundo se diverte! Também tem a igreja que o padre faz feijoada na praça, tem festa lá dentro, a gente paga pra entrar, mas é aqui na praça também. Muito bom, muito bom! (Clara

Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Com certeza, como eu falei antes, eu sou nascido e criado aqui, né? Então, eu conheço todos que frequentam a praça, [...] então, tem sim (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 18 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

É só o que há. (risos). É só o que há. [...] É, é sim. As pessoas que veem de fora se encantam, entendeu? Porque a gente ainda tem aquela relação da amizade de criança, a gente não trata as pessoas, até mesmo a gente que trabalha dessa forma tão improvisada, não trata as pessoas como cliente, trata como conhecidos, entendeu? [...] É como se eu tivesse lhe recebendo na minha casa, então eu tenho que tentar lhe colocar o mais confortável possível (Rose Santos, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Analisando-se mais detidamente o depoimento de Lucas, percebemos que sua fala relaciona-se mais ao vínculo que tem com as pessoas que já o conhecem, por residir no bairro e frequentar a Praça desde pequeno; identificamos aqui o sentimento de pertencimento ao lugar, a Praça se apresentando como “o lugar de Lucas”. Já Rose compara a Praça com sua casa, de forma literal, como seu “lugar”, ressaltando o vínculo e a interação com as pessoas, seja os vizinhos conhecidos ou os clientes, seja esta pesquisadora, para todos – como se recebesse em sua própria casa –, o tratamento deve ser afetuoso e acolhedor.

3.2.8 Sensações

Sobre as sensações que experimentam quando estão nas praças, os usuários da Praça da Piedade afirmaram que:

Antigamente a gente sentia alegria não é? De ver a praça como era, bonita, limpa, com segurança. Hoje em dia a gente tem uma tristeza, hoje em dia você chega numa praça dessa aí, agora mesmo se você sentar e observar, você vai ver meio mundo de “sacizeiro” ali deitado, umas pessoas jogadas na rua, lençóis que botam nessa grade daí de fora a fora. [...] Vários lençóis que botam aí, lavam roupa, a água da praça que fica jorrando ali (fonte), o pessoal toma banho, se lavam, escovam dente, lava rosto aí. É um absurdo uma coisa dessa! [...] A sensação que a gente sente é que a gente não pode fazer nada! Não tem com quem reivindicar, não tem com quem reclamar, não tem uma autoridade pra tomar providência (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Olhe, toda vez que eu venho para aqui, eu venho com vontade, eu venho com inovação, eu venho com ideias, sabe? Ou seja, eu venho feliz! E quando saio, saio feliz querendo que o dia passe, mude, passe logo pra que no outro dia eu esteja aqui novamente! Isso é uma coisa que eu faço realmente com amor (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Ah, é muito agradável! É muito agradável, muito compensador, é muito enriquecedor pra mim. [...] Porque aqui eu me encontro com muitas pessoas inteligentes, muitas pessoas agradáveis e aqui eu passo a maior parte do tempo da

minha vida. **Qual a sensação de estar aqui?** Ah, uma boa sensação, de estar me realizando. **E o sentimento, qual é?** [...] É de prazer e alegria juntos, eu gosto de estar nessa praça (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Constatamos nas falas que seu Francivaldo, por observar em seu cotidiano alguns dos frequentadores da Praça, se mostra indignado com o que ocorre no referido espaço público, demonstrando saudosismo de tempos melhores. Jorge sente um forte sentimento de pertencimento em relação à Praça, levando seu objetivo e seu compromisso com “seriedade e amor”, frequentando a Praça com vontade de lá estar, gostando de estar ali. Valter também mostra sua satisfação em ocupar e se apropriar do espaço da Praça com seu trabalho: além do sustento, ele diz se realizar com os encontros e conhecimentos travados com outros frequentadores enquanto está ali.

Na Praça do Santo Antônio foram constatadas sensações de prazer, tranquilidade e liberdade. A Praça se apresenta ainda como refúgio, lugar de se reestabelecer e refletir sobre os problemas e é motivo de gratidão entre seus usuários:

Ah, muito agradável, eu saio de casa pra relaxar aqui na praça, então, pra mim é um “relax” vir pra pracinha. **Qual a sensação que a senhora tem quando está aqui?** De paz, de felicidade, de tranquilidade (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Com certeza, a praça é tranquila, ventilada, é uma forma que eu acho assim, de lazer. **E o que você sente? Qual a sensação quando você tá na praça?** É uma sensação de liberdade, é uma sensação boa, né? (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

É, com certeza. Aqui você, assim, às vezes quando eu tou passando assim, por alguma coisa que eu não tenho amigos pra desabafar, [...] eu posso sentar aqui e conversar, ou chorar [...] às vezes você tá passando por um processo em casa, tá passando por algum problema, alguma coisa assim, então, você senta aqui, você reflete, você conversa [...] (Rita de Jesus, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

[...] eu costumo agradecer a Deus e a Santo Antônio pelo pouco que me dá. Ô, assim com uma igreja maravilhosa na minha frente, a Baía de Todos os Santos do outro lado, então não tenho muito do que reclamar, não. [...] Pra mim sempre foi muito relaxante. Pra mim sempre foi... Porque tem dias, ainda mais com a crise que a gente tá vivendo, que a gente não vende nada, mas eu costumo agradecer pelo pouco que eu tenho, entendeu? (Rose Santos, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.9 E se a praça não fosse pública?

Após identificar suas sensações em relação às duas praças, apresentamos aos nossos entrevistados uma situação hipotética: “Se a praça não fosse pública, como você imagina que ela seria? (por exemplo, se houvesse controle de acesso através de vigilância ou de pagamento de ingresso) Seria um lugar agradável? Você frequentaria? Descreva e explique sua resposta”.

Apenas um dos nossos entrevistados, Francivaldo Alves, não considerou como negativa a restrição do espaço público por meio do controle de acesso ou do pagamento de ingresso. Os demais se posicionaram contrários à hipótese:

Ah ela seria maravilhosa, aí seria, estaria bem iluminada, teria limpeza, teria segurança... [...] Agradável, com certeza! **E o senhor iria frequentar?** Iria. **Mesmo se tivesse que pagar?** Mesmo se tivesse que pagar. Pública sem ter segurança, sem ter... Não vale à pena! (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Ruim, porque nosso dinheiro vai pra onde mesmo? Se a gente for pagar até uma praça que a gente deve usar, porque pra ter mais segurança não vai adiantar, a gente fica dentro da nossa casa, porque o dinheiro que a gente vai pagando em frequentação de praça, a gente faz alguma coisa dentro na nossa casa, e fica no conforto e não precisa sair (Eliane Ramos, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Acho que nossa casa seria melhor. Pagar pra estar na rua, é melhor ficar dentro de casa (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Não! **O senhor frequentaria?** Isso é relativo, depende das minhas necessidades, mas eu prefiro que ela seja pública, eu gostaria que ela tivesse segurança permanente e permanesse pública (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Não! Já acabei de dizer. Deus me livre! Isso não é uma praça pra ser cobrada, essa praça é do povo (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Ah não, não, não, isso aí nem combina, não tem nada a ver com o Santo Antônio, aqui a praça, acho que não iria vingar muito tempo isso aí não (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 18 de Dezembro de 2015, Praça do Santo Antônio).

Não, acho que não ia acontecer isso porque o povo do Santo Antônio não ia deixar acontecer isso. **Mas se acontecesse você iria gostar?** Claro que não! Eu ia fazer um manifesto, eu ia chamar a televisão, chamar a imprensa, chamar tudo (Rita de Jesus, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Jamais frequentaria, porque pra mim o que é particular, é particular, entendeu? E eu pra estar num lugar que eu teria que pagar pra acessar, pra ter isso tudo, até mesmo com a visão e com o que eu tenho, seria surreal. Não, não iria, de jeito nenhum (Rose Santos, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.10 O que entende por lugar?

Posteriormente às várias indagações que tangenciavam o contexto de identificação da praça como lugar, questionamos diretamente o que é um lugar para nossos entrevistados. Eliane vê a Praça da Piedade como um exemplo de “lugar”, já Francivaldo tenta explicar como se sente num lugar, assim como Valter, ambos remetem o lugar a boas sensações, enquanto Jorge compreende um lugar como espaço físico, enquanto substrato, ocupado por coisas materiais ou não.

A Praça da Piedade (Eliane Ramos, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Lugar, como assim? Não entendi! **A palavra lugar, o que diz para o senhor?** Ah, lugar é uma coisa que a gente sente uma alegria, um cotidiano de você tá, ter aquele lugar certo, de ter aquelas pessoas pra você conversar, se distrair, pra botar as conversas em dia, reviver os amigos, conhecer as pessoas, novas amizades. O lugar pra mim é assim! (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Um lugar pra mim é um lugar que eu quero estar bem, que eu quero estar tranquilo, que eu possa me sentir seguro, um lugar pra mim é um lugar que gostaria de estar bem, me sentir bem [...] Lugar que eu me sinto mais ou menos seguro é na minha casa, na minha casa eu me sinto mais ou menos seguro. **Então, lugar pra o senhor é lugar de segurança, tranquilidade...** É! Lugar de segurança, tranquilidade, aqui na praça não me dá tanta segurança, tanta tranquilidade, me dá um pouco de apreensão (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

O que é um lugar? Lugar é todo espaço onde tem, existe alguma coisa, sabe? Alguma novidade seja ela material ou imaterial. O lugar pra mim é isso, onde se concentra qualquer coisa, uma caneta, um sapato, um microfone, é um lugar! (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Já entre os usuários, frequentadores da Praça do Santo Antônio, o lugar se aproxima mais da noção de um espaço que desperta sentimentos de pertencimento e afeição:

Isso aqui mesmo onde eu moro, eu adoro o Santo Antônio, adoro! Quando eu, eu tive uma vez, uma época que minha filha foi embora pra Espanha, eu disse “Tá, eu vou mudar pra um lugar que tem praia e tal”. Depois eu mesma fiquei triste com minha decisão, comecei a chorar sozinha, sabe? Ah, eu não saio daqui, eu adoro o Santo Antônio! **Iria sentir falta, não é?** Muita falta, muita, muita. Eu viajo, eu fico doída pra voltar pra casa, é uma loucura (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

O meu lugar? O meu lugar é aqui, no Santo Antônio, Salvador, Bahia (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

É isso que eu vivo aqui, é esse lugar, é o Santo Antônio, é a Praça do Santo Antônio, é a igreja do Santo Antônio, as pessoas do Santo Antônio (Rose Santos, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.11 As praças como lugar e território

A fim de confirmar se as praças são mesmo compreendidas como “lugar” para estes agentes, principalmente para Francivaldo e Valter, que não citaram a Praça da Piedade, e Jorge, que associou lugar ao espaço físico como substrato, questionamos nossos entrevistados se se sentem pertencentes às praças por conta da apropriação e da ocupação que fazem delas no seu cotidiano:

Com certeza, com certeza! (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Sinto sim, sinto sim, aqui tem um pedaço de mim, sim! (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Me sinto, eu me sinto pertencendo a essa praça! Me sinto, essa praça faz parte de mim! (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Vemos então que, apesar de sua resposta simples, Francivaldo afirmou com empolgação que com certeza pertencia à Praça da Piedade; que Jorge vincula sua história à história da praça, se sentindo como parte integrante deste espaço público, assim como Valter, que afirma que a praça faz parte dele próprio enquanto pessoa.

Já os usuários da Praça do Santo Antônio não só confirmam o sentimento de pertencimento em relação ao espaço público, como concluem que a Praça os pertence; a Praça é também motivo de uma “vida feliz”, como denotam as falas de Clara e Rita:

Me sinto dona. Me sinto proprietária! (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Com certeza, com certeza, sim, sim. Aliás, eu não sei o que seria de mim se não fosse essa praça. Se eu morasse num outro bairro que fosse nobre, eu acho que não teria, eu não seria assim feliz. Não ia ser feliz (Rita de Jesus, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

3.2.12 Considerações a respeito da outra praça

No final da entrevista, buscamos saber se os usuários da Praça da Piedade conheciam a Praça do Santo Antônio, e o que pensavam deste espaço. O mesmo foi feito com os frequentadores da Praça do Santo Antônio em relação à Praça da Piedade. O objetivo foi o de analisar se os agentes, comparando as duas praças, identificavam suas diferenças e/ou

similaridades a partir do que conheciam. Com esta pergunta, também queríamos investigar a Geograficidade que permeia a relação entre os usuários e as praças analisadas; se a construção do espaço público é mais vivida do que percebida por nossos agentes no cotidiano; como avaliam a centralidade de cada uma e o espaço público enquanto fenômeno que se manifesta nas praças analisadas.

Foram as seguintes as opiniões dos usuários da Praça da Piedade em relação à Praça do Santo Antônio:

Ah, lá é melhor, lá tem segurança, tem limpeza, lá as pessoas olham com outros olhos, não sei o porquê, mas lá o pessoal olha com outros olhos (Francivaldo Alves, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Conheço sim! A praça do Santo Antônio, ela é uma área turística, né? Onde você pode ver o mar, a Baía de Todos os Santos, a igreja, não é isso? E é um local de bater papo também, nada mais, não tem nada melhor que isso aí. Tem o Forte de Santo Antônio também, que era a antiga penitenciária, a casa de detenção seria ali, que agora é um espaço cultural. Mas essa, a Praça da Piedade, além de ser misteriosa, ela tem uma história, uma história de impiedade, eu não sei nem porque botaram o nome da praça de Piedade, porque de piedade eu não vejo nada não! Eu vejo a impiedade a cada dia aqui! (Jorge Ribeiro, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Jorge, definitivamente, vive a Praça da Piedade como “seu” lugar. Em sua resposta o tom de sua fala demonstrou sua preferência pela Praça da Piedade, defendendo a história e questionando a situação de alguns dos moradores de rua que ocupam a Praça atualmente; fazendo uma relação com a impiedade que já ocorreu no passado da Praça, com os mártires da Conjuração Baiana, e a atual impiedade que continua ocorrendo com a população de rua.

Já Valter distingue claramente a centralidade das duas praças:

[...] eu não vou ali com frequência, eu acho a Praça da Piedade, uma praça mais bonita, mais centralizada tá entendendo? Uma quanto a outra eu gostaria que tivesse mais cuidado dos poderes públicos, tanto uma quanto a outra tem que ser mais assistida pelos poderes públicos, questão de segurança e... Questão de segurança e conservação. O poder público até tá fazendo melhorias, benefícios na praça, mas só que depois eles abandonam, não cuidam (Valter Silva, entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2015, na Praça da Piedade).

Os frequentadores/usuários da Praça do Santo Antônio comparam, preferem e defendem esta Praça como mais agradável do que a Praça da Piedade; esta última, inclusive, alguns dos entrevistados disseram ter medo de frequentar; outros, ainda, são contra o cercamento da Praça da Piedade ou mencionam a falta de atrativos para frequentá-la:

Conheço. [...] Jamais eu iria lá, morro de medo. [...] Insegura total, mesmo com aquele gradeado que eles botaram pra de noite, durante o dia tá aberto e não

funciona, tinha que ter mais policiamento. Eu tenho pavor daquela praça. Linda, linda. Ela é toda linda, mas insegura, muito insegura. Aliás, várias praças daqui. [...] Você vê, aqui a gente fica até duas horas da manhã conversando. É completamente diferente (Clara Gouveia, entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Conheço! Olha bem, eu era pequena e eu ia nessas praças, inclusive na Praça da Piedade com minha mãe, quando ela ia fazer compras, pagar alguma coisa e eu via os aposentados sentados em vários lugares conversando, batendo papo, jovens se encontrando, marcando encontro ali. E agora, você passa, eles estão sentados no peitoril ao redor da praça... [...] Da grade, aquele lugar não é acesso pra eles, entende como é? Eu acho que a partir do momento que você coloca a grade, você coloca um impedimento, eu não sei se é psicológico, mas é um impedimento, não é livre. Então onde deixa de ser livre, pra mim não tá bom (Rose Santos, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Conheço. A Praça da Piedade eu acho assim, que deveriam tirar aquelas grades que ficam ao redor, né? Fazia uma reforma e colocar mais segurança, mais policiais. [...] Eu costumo passar, nunca fui de frequentar a praça não [...] pelo fato de que a praça não tem nada que me interesse. [...] não tem nada, nenhum ponto de lazer, não tem nada pra fazer naquela praça, então... (Lucas Cordeiro, entrevista realizada em 18 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Finalmente, Rita percebe a diferença das praças em relação ao fluxo de pessoas e também aos sons, que são outros e mais intensos na Praça da Piedade:

Poxa, eu prefiro a do Santo Antônio, porque eu não gosto muito dessas praças que vivem cheias, não gosto muito de muita gente circulando. [...] Porque eu não ia ficar num lugar assim que tem muita gente, muita gente gritando, é muito som, eu não iria estar legal como eu tou aqui agora (Rita de Jesus, entrevista realizada em 16 de Dezembro de 2015, na Praça do Santo Antônio).

Com a apresentação das falas dos agentes das duas praças, desenvolvemos, no capítulo 4, a seguir, considerações que auxiliam no arremate final deste estudo.

4. A PRAÇA EM SALVADOR

Expostos os resultados e análises, tanto das enquetes quanto das entrevistas, no capítulo anterior, apresentamos agora os elementos principais para uma discussão acerca do espaço público enquanto fenômeno, em duas praças de Salvador, fenômeno este constituído no cotidiano dos agentes produtores destes espaços.

4.1 Lugar e Território

A emergência do lugar aparece, desde o início da pesquisa, como possível resultado da ocupação e da apropriação dos espaços públicos, como é o caso das duas praças aqui estudadas. Mas o espaço público tanto da Praça da Piedade quanto da Praça do Santo Antônio abarca lugares e territórios, seja no sentimento de pertencer a estes espaços, a partir das experiências dos agentes nestas praças, ou pela limitação do espaço e pela diferenciação entre “nós e eles” em relação ao espaço público da praça, esta territorialização se manifestando mais especificamente na Praça do Santo Antônio.

Nos apoiamos nas palavras de Tuan (2013), no livro *Espaço e Lugar*, no qual este autor explica a relação destes conceitos a partir da experiência; e é a partir das experiências dos nossos agentes nas praças que indicamos as mesmas como lugares. Para Tuan, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2013, p 14). As várias falas dos nossos agentes bem como as observações feitas em campo nos permitem afirmar que as experiências cotidianas de cada um dos entrevistados no espaço público – que é *a priori* indiferente para quem apenas transita numa praça –, tornam-se significativas para quem o experiencia todos os dias, seja através do trabalho, seja da visita para contemplar o que há na praça, tornando-se lugar.

Eduardo Marandola Jr, no prefácio da obra de Tuan (2013) *Espaço e Lugar*, interpreta o pensamento de Tuan sobre o lugar também como fenômeno espacial que dá sentido à existência. Novamente comprovamos isto com nossos agentes, quando estes dotam de valor as praças e narram que elas são motivos de felicidade, agradecimento e sustento para a vida. Trata-se da experiência espacial cotidiana dos sujeitos que fundamenta a relação homem e Terra, também abordada por Dardel (2015) para fundamentar o conceito de Geograficidade. Essa Geograficidade e essa experiência no espaço que o transformam em lugar podem ser compreendidas através do ato de “sentir” o lugar. Segundo Tuan,

isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e ao longo dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons, cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do Sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar (TUAN, 2013, p. 224).

Essas “experiências fugazes” e cotidianas são identificadas nas falas de nossos entrevistados, quando, por exemplo, vão à praça para contemplar o pôr do Sol ou os camaleões que aparecem nos jardins, quando trabalham durante a semana, ou entre uma conversa e outra, ou ainda quando as crianças brincam no parque infantil. Ainda no contexto do pensamento de Tuan, o autor aborda as experiências íntimas com o lugar e concordamos que “os acontecimentos simples podem, com o tempo, transformar-se em um sentimento profundo pelo lugar” (TUAN, 2013, p. 175).

Além de se constituir como lugar, identificamos que o espaço público também é território, e observamos isso também nas falas dos nossos agentes. De acordo com Souza (2009), o território é a expressão espacial das relações de poder. Estas relações se manifestam na Praça do Santo Antônio quando os moradores do bairro se apropriam do espaço público da Praça como se este fosse extensão de suas casas, tratando os demais frequentadores, não residentes do bairro, como convidados ou “os outros”. Ainda segundo Souza (2000) e Haesbaert (2007), o território se configura não só através das relações de poder, mas também com um forte teor simbólico e identitário, a identidade aqui servindo ao objetivo de distinguir o “nós” (e o “nosso” território), do “eles”, dos que não pertencem ao território. Isto foi observado diversas vezes nas falas dos usuários/frequentadores da Praça do Santo Antônio, por exemplo, quando tratam os moradores de outros bairros como “convidados”, ou quando reivindicam o espaço da praça como um direito dos moradores “do bairro”.

Porém, neste contexto, a abrangência da centralidade da Praça do Santo Antônio (seu poder de atratividade frente a outras praças) também precisa ser considerada, como já explicado anteriormente nesta pesquisa. Comparada à Praça da Piedade, que tem um rico e diverso comércio em seu entorno, além de ser um nó importante para o transporte coletivo na cidade (próxima à Estação da Lapa, a maior de Salvador), atraindo um grande fluxo de pessoas de diversos lugares da cidade, a Praça do Santo Antônio atrai, sobretudo, os moradores de suas proximidades ou aqueles que visitam o bairro por razões de turismo e/ou lazer.

4.2 Insegurança, gradil e acessibilidade na Praça da Piedade

A discussão em relação ao espaço público das praças estudadas também envolveu a questão da segurança, bem como a presença/ausência de gradil e a acessibilidade a esses espaços.

Na Praça da Piedade, com as diversas reclamações dos usuários/frequentes em relação à segurança, tanto no momento das enquetes quanto no momento das entrevistas, buscamos contato com agentes da Guarda Municipal de Salvador, mas não obtivemos êxito, já que em todos os levantamentos de campo realizados não foi observada nem uma vez sequer sua presença na Praça. Porém, o contato foi feito com Policiais Militares que trabalham diariamente na Praça, numa base móvel. Questionamos os policiais sobre a insegurança que os usuários relataram nas enquetes e entrevistas, sobre o gradil como auxílio ou obstáculo para o trabalho dos agentes de segurança pública e ainda sobre a presença da Guarda Municipal e o fechamento dos portões da Praça. Também questionamos se o gradil inibe as ações depredadoras ou a prática de crimes.

Para os dois Policiais Militares consultados, Carlos Santos e A.S. (que não quis se identificar), a Praça da Piedade tem sim certo grau de insegurança, mesmo com uma diminuição de ocorrências de crimes e/ou depredações por conta da presença de uma base móvel. Mesmo com a presença da Polícia Militar, os dois policiais afirmam que a Piedade ainda é uma praça insegura, sobretudo pela ação de indivíduos envolvidos com o tráfico de drogas e que se misturam aos moradores de rua que ocupam a Praça:

[...] ela realmente tem um grau de risco, a maioria das ocorrências que acontecem aqui é furto ou roubo [...] Ela é uma praça com um certo grau de risco sim, principalmente à noite. [...] Quando a base veio pra cá eu tive a sorte, talvez a honra de ouvir alguns transeuntes dizerem “ainda bem que vocês estão aqui, porque essa praça estava demais”, então, quando a base tá aqui de certa forma causa uma certa sensação de segurança para os que estão na localidade, mas isso não quer dizer que não venha a ter ocorrência[...] (Carlos Santana, entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

[...] alguns moradores de rua desses servem de “mula” ou guarda droga, que eu já vi de longe, quando a gente vai dar o “baculejo” a gente não consegue pegar, eu não sei onde é que eles escondem a droga, mas eu já presenciei alguns moradores de rua desses, boa parte deles usuários de droga, já conversei com alguns[...] (Carlos Santana, entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

Tem muitos moradores de rua aqui e tem aqueles também que não são moradores de rua, se misturam aos moradores de rua justamente pra poder agir (A.S., entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

Figura 12: Morador de rua dormindo no jardim da Praça da Piedade.



Fonte: SILVA, 2016.

Quando questionados sobre o gradil ser um obstáculo para a ação de agentes de segurança pública os dois policiais responderam negativamente:

Ele ajuda, porque são quatro saídas apenas na Praça, então se não tivesse o gradil, quer dizer, eles poderiam aprontar no centro da Praça e correr pra qualquer direção, qualquer, passar por cima da grama (A.S., entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

Bom, esse tipo de gradil que é vazado, ele não atrapalha não, porque as partes principais estão abertas. Se eu tiver de intervir em alguma ação criminosa em qualquer lugar dessa praça eu consigo ter preparo físico pra me deslocar rapidamente e ir de encontro para cessar aquela injusta agressão [...] (Carlos Santana, entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

Sobre se o gradil é inibidor de crimes e ações de vândalos, os policiais afirmaram que:

Ele não inibe, porque não há fiscalização. Na verdade, os gradis aqui, se você perceber, os gradis aqui são gradis artísticos, então ele ajuda no paisagismo da Praça, eu acho que o que poderia inibir seria a presença da Guarda Municipal dentro da Praça (A.S., entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

Não, não inibe, não, na verdade o que inibe é um agente que possa coagir o infrator ou o depredador do patrimônio público, só o gradil em si não, simplesmente um objeto que tá ali parado, não tem porque inibir a ação de quem já tem essa prática, tá entendendo? (Carlos Santana, entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

As respostas dos dois policiais militares sobre a presença da Guarda Municipal na Praça foram as seguintes:

Infelizmente o efetivo da Guarda é pequeno o tamanho, [...] algumas vezes eu já presenciei os mesmo prepostos aqui nesta Praça fazendo segurança pública, mas eles se deslocam para outras praças, infelizmente não dá pra cobrir tudo, não é fixo (Carlos Santana, entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

A culpa não é da Guarda, porque o efetivo deles é pouco e são muitas praças, não dá pra ficar o tempo todo aqui, eles veem, ficam aqui durante algum tempo e migram pra outra praça, migram pra outros locais, então, na verdade, a culpa não é especificamente da Guarda Municipal, mas do efetivo, da administração, infelizmente (A.S., entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

Já em relação ao fechamento dos portões, houve usuários/frequentadores que, durante a aplicação das enquetes, afirmaram que os portões são fechados, outros não souberam dizer; nas visitas de campo realizadas por esta pesquisadora, durante a noite, também não foi presenciado o fechamento dos portões. Segundo os policiais:

Eles estão sempre abertos, durante a noite também. Sempre abertos (A.S., entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

Eu já presenciei os portões fechados quando estava reformando a Praça e algumas vezes no final de semana eu já presenciei, mas não é certo. À noite não, até porque isso aí serve de moradia dos moradores de rua, eles dormem na Praça. [...] Não, eu nunca presenciei, entendeu? Não digo que não acontece, mas nunca presenciei [...] (Carlos Santana, entrevista realizada em 13 de Abril de 2016, na Praça da Piedade).

Para Jane Jacobs (2011), em seu livro *Vida e Morte de Grande Cidades*, que apresenta a cidade e o espaço público a partir da perspectiva de quem vive o cotidiano dos espaços citadinos, aborda o funcionamento do espaço público a partir do uso e do controle social dos usuários, o que está bem relacionado com o objetivo desta pesquisa. De acordo com a autora, a insegurança urbana não se resolve quando nos resguardamos em espaços cercados, defendendo a ideia de que “as ruas devem não apenas resguardar a cidade de estranhos que depredam: devem também proteger os inúmeros desconhecidos pacíficos e bem-intencionados que as utilizam, garantindo também a segurança deles.” (JACOBS, 2011, p. 36). Concordamos com Jacobs, já que é notória a sensação de insegurança na Praça da Piedade, mesmo com os relatos dos policiais militares, que, se por um lado, ressaltam até mesmo a arte do gradil, que embeleza a paisagem, e afirmam que o gradil protege o patrimônio público da Praça, por outro lado, também reclamam da insegurança. Concluimos que o gradil é um

paliativo, uma tentativa de manter o espaço público e conter os depredadores, porém ele não garante a segurança dos frequentadores “pacíficos” como os denomina Jane Jacobs em seu livro. A praça pode até ficar relativamente protegida dos depredadores do patrimônio público, mas os agentes que a frequentam não se sentem tão seguros assim!

Além da questão da insegurança, já apresentamos anteriormente nesta monografia a noção de acessibilidade simbólica aprofundada por Serpa (2007). Retornamos aqui esta discussão, pois foi observado nas visitas de campo que a maioria dos transeuntes se movimenta nas proximidades da Praça contornando-a pelo lado externo do gradil; possivelmente, o cercamento de praças contribua para a consolidação de um espaço inacessível simbolicamente, pois o equipamento talvez desempenhe o papel de restringir a acessibilidade não só física, como simbólica, afastando os transeuntes do espaço central da Praça da Piedade.

Para Serpa (1998), “cercar praças é decretar definitivamente a morte desses espaços públicos de uso coletivo” (SERPA, 1998, p. 67). Defendemos aqui, como Serpa, apostar na presença das pessoas durante todos os momentos do dia, nos dias de semana e nos finais de semana, para diminuir a insegurança nas praças e garantir o controle social do espaço público através do uso. Para que isto ocorra, as pessoas precisam ser atraídas para o espaço público, com a garantia de iluminação eficiente, policiamento durante a noite e atrações culturais ao longo do dia e também à noite, como os espetáculos teatrais que ocorrem atualmente e/ou, como no passado, as apresentações da banda da Polícia Militar e outras atrações musicais. Estas parecem se constituir em opções mais viáveis e eficientes para manter o espaço de fato livre ao público, ao contrário do cercamento.

4.3 Experienciando as praças

Retomando a obra de Heidegger (2012), *Ser e Tempo*, como influência para elaboração do conceito de Geograficidade de Dardel (2015), e buscando valorizar a experiência e o olhar da pesquisadora, trazemos à luz considerações que remetem aos momentos de pausa nas duas praças e a observações e percepções do espaço público em Salvador. A ideia dos escritos que se seguem nesta seção remete a uma maneira de transmitir a “circun-mundanidade” – uma “visão panorâmica’ explícita de cada envergadura do mundo circundante” (HEIDEGGER, 2012, p. 129) – das praças, a partir do olhar investigador, mas também frequentador destes espaços.

Uma parada no movimento da Praça da Piedade. Banheiro: existe a estrutura, mas não funciona. A fonte luminosa serve como chuveiro, já o gradil, como varal. Os jardins e bancos são camas para moradores de rua. O movimento de pessoas é intenso, muitas pessoas ficam sentadas seja no interior ou do lado de fora do gradil. Alguns senhores leem jornal. Jorge mantém a música na praça, também é possível escutar a água da fonte se movimentar, o arrastar de sandálias e sapatos, passarinhos no alto das árvores, o escapamento dos ônibus quando freiam no entorno. Sinto a quentura leve do sol que passa pelas sombras das copas das árvores, e a luz solar que reflete no granito dos bancos. Vejo as folhas das árvores caídas e se movimentando no chão. Os pombos voam após comerem nos jardins. Os portões estão abertos, um senhor fala no celular, jovens lancham no intervalo das aulas do cursinho próximo a praça. Há pouca interação neste espaço público, pessoas param para ouvir, conversar e ver os livros na banca de Jorge, a praça é “seu” lugar. Os idosos debatem a política, falam sobre a vida. Os ambulantes conversam com os clientes, os moradores de rua estão reunidos comendo, no mais, é cada um no seu espaço (ou território).

A calma do espaço na Praça do Santo Antônio: A praça está atualmente em reforma, mas, mesmo parecendo um canteiro de obras, algumas pessoas ocupam o espaço. Três jovens conversam sentados na nova estrutura de bancos, uma agente de limpeza pública descansa onde a sombra das árvores se faz presente. Das características anteriores à atual reforma permanecem, ainda, os equipamentos para atividades físicas, os brinquedos infantis, o coreto e as árvores (as árvores são belas). Os bancos e mesas para jogos e conversas foram retirados e os novos bancos colocados possuem outra estética, indicando uma transformação na paisagem da praça. O barulho de um rapaz ao andar de skate no entorno da praça chama a atenção, enquanto os carros passam em baixa velocidade, como se não tivessem pressa. Aqui há pombos passeando entre os entulhos da obra, a obra no momento está em ritmo lento, o som é de um operário empurrando o carrinho de mão com mais entulhos até o centro da praça. O canto dos passarinhos é muito perceptível, o frescor do vento que vem do mar da baía é também sentido próximo ao parque infantil. Mesmo em obras e com estrutura sendo modificada a praça é um lugar que traz tranquilidade e calma. Não há interação entre os usuários da praça neste momento. Por fim, um menino chega ao parquinho com sua mãe para brincar no balanço.

Figura 13: Jovens conversando, no lado esquerdo da foto, nas novas estruturas de bancos da Praça do Santo Antônio e, ao lado esquerdo, o coreto.



Fonte: SILVA, 2016.

A partir destas observações nos espaços estudados, que possibilitam a visualização de seu “mundo circundante”, abrimos um parêntese para uma reflexão sobre a ocupação do espaço, considerando as estruturas presentes nas praças. Estruturas estas que vão influenciar ou sofrer influência na/da ocupação/apropriação dos espaços. Aqui notamos mais uma vez a relação sujeito-objeto, ou sujeito-espaço, ou ainda, “Homem-Terra”, como em Dardel.

Três termos elaborados por Heidegger (2012) nos auxiliam na análise das estruturas presentes nas praças: surpresa, importunidade e impertinência. A surpresa diz respeito à estrutura que existe, mas não funciona (está com defeito, por exemplo); por estar presente, mas não funcionar, esta estrutura ou instrumento “surpreende”. Na Praça da Piedade, o banheiro público que não funciona é uma surpresa e influencia nos modos de ocupação dos usuários/frequentadores da praça.

Figura 14: Estrutura de banheiro público, sem funcionamento, na Praça da Piedade.



Fonte: SILVA, 2016.

A importunidade refere-se ao que não existe, ao instrumento ou coisa que não está presente em determinado espaço, mas que é necessário/a para sua ocupação: os banheiros, ausentes na Praça do Santo Antônio, são demandados por aqueles que ocupam o espaço e a sua falta se torna cada vez mais importuna para os usuários. Por último, a impertinência se relaciona aos objetos ou coisas que não têm finalidade, ou obstruem o caminho, é aquilo que não faz falta e/ou que não desempenha a função que lhe cabe, ou seja, é algo “impertinente”. Para a impertinência, citamos o gradil da Praça da Piedade, que serve como varal, e até mesmo para embelezar a Praça, mas para seu objetivo principal, que seria o de garantir a proteção do patrimônio e a segurança dos usuários, acreditamos ser um objeto impertinente. Impertinente, pois a insegurança ainda é uma sensação presente entre os usuários e o gradil não impede a ação de depredadores do patrimônio público: estes não hesitam em pular o gradil e agir, assim como os criminosos, estas afirmativas estão fundamentadas, inclusive, nas falas dos agentes de segurança entrevistados. Além desta impertinência, afirmamos mais uma vez, baseada nas conversas com transeuntes e na observação direta de quem vos fala, a repulsa que o gradil causa entre os usuários/frequentadores em relação ao acesso à praça, sendo assim uma obstrução de caminho, um empecilho para a livre circulação.

Com base nessas categorias explicitadas por Heidegger podemos ter outra visão do mundo circundante nas praças estudadas e como as estruturas presentes nestes espaços interferem em sua ocupação/apropriação.

5. A TÍTULO DE CONCLUSÃO: O mundo das praças em Salvador - a Geograficidade que se revela na Praça da Piedade e na Praça do Santo Antônio

A Praça do Santo Antônio, por sua atratividade abranger, sobretudo, o bairro e adjacências, ou pela ideia de “território comunitário”, a partir da fala dos moradores, é uma praça que é utilizada para o lazer e atividades culturais, é um espaço de entretenimento, descanso e cuidados com o corpo: quem a visita, o faz, em geral, com estes propósitos. E é assim, com estes modos de ocupação e apropriação, que ela se constitui enquanto espaço público.

Já a Praça da Piedade, com uma abrangência maior, por todos os fatores já explicitados neste estudo, proporciona uma interação mais significativa entre os frequentadores, embora isso não redunde em uma esfera de cunho mais político que se manifeste no espaço, mesmo que de modo incipiente. Essa interação se dá por meio do trabalho de alguns usuários, ou através de ações culturais, como espetáculos teatrais e aquelas de caráter mais permanente organizadas por Jorge Ribeiro.

As praças são também lugares para seus frequentadores, que gostam de estar ali, e que, muitas vezes, frequentam as praças diariamente, que cuidam e se preocupam em melhorar seu “lugar habitado”. E, aqui, habitar adquire o sentido proposto por Heidegger (2012):

Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. [...] Essas construções oferecem ao homem um abrigo. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência (HEIDEGGER, 2012, p.123).

Relacionamos o pensamento de Heidegger à formulação do conceito de Geograficidade de Dardel, já que as praças são espaços construídos, e o espaço público, enquanto espaço construído, é construído a partir do habitar o espaço por seus frequentadores/usuários:

No sentido de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir permanece, para a experiência cotidiana do homem, aquilo que desde sempre é, como linguagem de forma tão bela, “habitual” (HEIDEGGER, 2012, p. 127).

Assim, o espaço construído é constituído a partir do habitar e o habitar constrói lugares. E, segundo Claval (2010), “habitar não significa apenas dispor de um lugar onde se resguardar da sociedade e onde viver sozinho ou em família. É também encontrar pessoas, levar uma vida social” (CLAVAL, 2010, p. 41), como pudemos observar nas praças aqui estudadas. Habitar, segundo Claval, também está relacionado ao trabalho, como os

ambulantes encontrados nas duas praças, cujas “tarefas são mais repetitivas, os comerciantes reencontram os mesmos clientes, todos os dias e às vezes nos mesmo horários” (CLAVAL, 2010, p. 43). É a própria Geograficidade que se manifesta através do habitar e do espaço público construído no cotidiano por seus agentes. Uma “Geografia da Realidade” que se constitui no cotidiano da cidade.

Porém não esquecemos de analisar como a praça se apresenta enquanto espaço público na cidade contemporânea nesta pesquisa. A praça é o espaço do ócio e do lazer, mas que proporciona alguma interação social entre seus usuários, seja através da encenação de uma peça teatral, seja da ação de um produtor musical, Jorge, que divide seus ideais com quem quer que transite ou pare na Praça da Piedade, seja através dos vendedores de alimentos como Eliane, que faz amizades através de seu trabalho, que é sua forma de ocupar/habitar a praça, ou como Valter, que, para além de seu trabalho como vendedor, informa, ajuda, observa e contempla o jardim, não esquecendo de Seu Francivaldo, que atua como um observador de todo o espaço da Praça quando está na portaria da Escola de Economia da UFBA, vendo tudo o que ocorre, e, quando se apropria da mesma, é para refletir sobre sua vida, se perder em seus pensamentos.

Na Praça do Santo Antônio, as pessoas aproveitam a vista panorâmica sobre a Baía, a amplitude do espaço da praça, o espaço tranquilo, seguro e livre, para se reunir, ainda que formando territórios que podem impedir uma maior interação com os demais frequentadores. A Praça do Santo Antônio é definitivamente um espaço apropriado e amado por seus usuários.

Mas a interação encontrada nas praças de Salvador se revela também como conflito, seja entre moradores de rua e demais frequentadores (Praça da Piedade), ou entre moradores do bairro e “visitantes” que não têm o mesmo cuidado e atenção com o espaço (Praça do Santo Antônio).

No desfecho do nosso estudo, optamos por definir o espaço público como o espaço vivido no cotidiano e que, segundo Jacobs (2011), “é utilizado para a circulação pública geral de pedestres. É um espaço em que as pessoas se movimentam livremente, por livre escolha, no percurso de um lugar a outro” (JACOBS, 2011, p. 291). Indo além, afirmamos que este espaço também é lugar para seus usuários/frequentadores.

Neste estudo, com base no método fenomenológico, e conforme Relph (1979), buscamos aceitar as “ambiguidades e complexidades” encontradas em campo: as praças do Santo Antônio ou da Piedade são espaços públicos (de todos), espaços-lugares, espaços-territórios, lugares-territórios, lugares do habitar e de alguma interação, lugares onde a esfera política não encontra espaço de manifestação. Mas, acreditamos que estes lugares ainda assim

se constituem como espaços públicos. E o são porque há gente para os constituírem como tal: essa é a “Geografia da realidade” do espaço público, alcançada por nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Governo do Estado da Bahia. **Centro Antigo de Salvador**. Disponível em: <<http://www.centroantigo.ba.gov.br/downloads/>>. Acesso em: 15 de julho de 2015.

BAHIA. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. Escritório de referência do Centro Antigo. UNESCO. **Centro Antigo de Salvador: Plano de Reabilitação Participativo**. Salvador: Secretaria de Cultura; Fundação Pedro Calmon, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção – crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. Tradução Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTINHO, Bernard Teixeira. Um estudo sobre a ontologia do espaço na obra de Martim Heidegger. **GeoTextos**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 189-206, jul. 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRANDÃO, Darwin; SILVA, Motta e. **Cidade do Salvador: caminho do encantamento**. Prefácio de Jorge Amado. Companhia Editora Nacional de São Paulo, 1958.

GALENDER, Fany Cutcher. Considerações sobre a conceituação de espaços públicos. **Revista Paisagem e Ambiente Ensaios**, São Paulo, n. 4, p. 113-120, 1992.

GLOSSÁRIO PDDU. Disponível em <<http://participasalvador.com.br/glossario-pddu/>>. Acesso em: 09 de Agosto de 2015.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Espaço, tempo e crítica, Revista Eletrônica Científica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas**. nº 2, v.1, p. 39-52, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emanuel. Carneiro Leão. 6. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MARANDOLA Jr, Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980.
RELPH, Edward. **As bases fenomenológicas da geografia**. Geografia, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, 1979.

SALVADOR. Câmara Municipal. **Projeto de Lei do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador Nº 396/2015**. Aprova a Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Salvador e dá outras providências. Disponível em <<http://participasalvador.com.br/glossario-pddu/>>. Acesso em: 09 de Agosto de 2015. Texto Original.

SANTORO, Paula. **Fato e Opinião. Urbanismo. O que é espaço público?** Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/232/o-que-e-espaco-publico-292045-1.aspx>>. Acesso em: 11 de Agosto de 2015.

SANTOS, Elisabete et al. (Org.). **O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes**. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 1996.

SERPA, Angelo. **Urbana baianidade, baiana urbanidade**. Salvador: UFBA, 1998.

_____. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Maria Auxiliadora da. A Evolução Urbana do Centro Histórico de Salvador e a Preservação da Continuidade Funcional do Bairro de Santo Antônio Além Do Carmo. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello (Org.). **Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira**. Salvador: EDUFBA, 1999. p. 259-271.

SOUZA, M. L. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. - 2º ed. - Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000. p. 77- 116.

_____. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009. p. 57- 72

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Faculdade de Arquitetura; GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, Escritório de Referência do Centro Antigo de Salvador. **SALVADOR e a Baía de Todos os Santos**. Ed. Trilingue. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Vivienda, Dirección General de Rehabilitación y Arquitectura, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A.

Enquetes destinadas aos frequentadores e transeuntes das Praças da Piedade 1 () e Santo Antônio Além do Carmo 2 ()

1- Nome: _____ Sexo F () M () Idade: ____

Bairro de residência: _____

2- Qual motivo de visita à praça? Trabalho () Lazer () Passagem ()
Outro: _____

3- Em que horário ocorre a visita à praça? Manhã () Tarde () Noite () Mais de um turno: _____

4- Quantas vezes na semana () / no mês () ocorre a visita à praça? 1 () 2 () 3 () 4 ()

5 () 6 () 7 () mais de 7 () Outro ()

5- Para você a praça possui uma boa estrutura? Sim () Não ()

5.1- Se não, o que falta para a praça ser um lugar melhor?

6- Você acha a praça segura? Sim () Não ()

7- Você considera a praça um lugar prazeroso de estar? Sim () Não ()

9- Você considera esta praça um espaço livre para o público? Sim () Não ()

9.1 Por que? _____

10- Para a Praça da Piedade: Você acha que o gradil da praça impede o acesso livre das pessoas ao interior da praça? Sim () Não ()

10- Para a Praça do Santo Antônio: Você acha que a ausência de gradil facilita o acesso livre das pessoas ao interior da praça? Sim () Não ()

11- Quais atividades, usos, ocupação/apropriação você pensa que podem ocorrer numa praça pública?

12- Qual a última vez que você visitou a praça com o objetivo de estar ali? Ontem () Semana Passada () Mês Passado () Há seis meses atrás () Outro _____

13- Há quanto tempo você conhece e frequenta esta praça? Menos de 1 ano () 1 ano () 5 anos () 10 anos () Mais de 10 anos () Outro _____

14- Há um sentimento de pertencimento entre você e o espaço da praça? Sim () Não ()

15- Para participantes da Praça da Piedade: Você conhece a Praça do Santo Antônio? / Para Participantes da Praça do Santo Antônio: Você conhece a Praça da Piedade? Sim () Não ()

16. Caso conheça a outra praça, o que acha dela, comparando com a praça que frequenta?

APÊNDICE B.

Roteiro de entrevista destinado aos participantes das enquetes nas Praças da Piedade e Santo Antônio Além do Carmo.

1-O que é uma praça para você?

2-E o que você entende por espaço público?

3- A praça, para ser de fato um espaço público, pode/deve ser utilizada ocupada/apropriada de que maneira pelos frequentadores?

4- O que você pensa sobre um gradil em torno de uma praça? Traz mais segurança ou inibe o acesso ao interior da praça?

5-O que esta praça significa para você? Qual importância para sua vida?

6-Como você ocupa/se apropria deste espaço no seu dia a dia?

7-Você gostaria de modificar algo nesta praça?

8- Ainda sobre seu cotidiano e a praça: como você vê a relação entre as pessoas da praça, incluindo você? Como vocês se relacionam? Existe algum vínculo/interação com outros frequentadores?

9-Quando você está na praça, é um momento agradável no seu dia? O que você sente?

10- Se a praça não fosse pública, como você imagina que ela seria? (por exemplo, se houvesse controle de acesso através de vigilância ou de pagamento de ingresso) Seria um lugar agradável? Você frequentaria? Explique.

11- O que é um lugar para você?

12- A praça é um lugar para você?

13-Você se sente pertencente a esta praça por causa da utilização que você faz dela no seu cotidiano?

14- Você conhece a praça (da Piedade/Santo Antônio)? O que você pensa desta outra praça?